

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

FLAVIANA FERREIRA DE OLIVEIRA LOPES

**A REPRESENTAÇÃO DE JESUS CRISTO NOS QUATRO EVANGELHOS EM
PORTUGUÊS E EM ESPANHOL NA BÍBLIA NVI**

JOÃO PESSOA

2020

FLAVIANA FERREIRA DE OLIVEIRA LOPES

**A REPRESENTAÇÃO DE JESUS NOS QUATRO EVANGELHOS DA BÍBLIA NVI
EM PORTUGUÊS E ESPANHOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Letras como requisito parcial para obtenção do título de Mestra
pela Universidade Federal da Paraíba

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L842r Lopes, Flaviana Ferreira de Oliveira.

A representação de Jesus Cristo nos quatro evangelhos
em português e espanhol na Bíblia NVI / Flaviana
Ferreira de Oliveira Lopes. - João Pessoa, 2020.
79 f. : il.

Orientação: Roberto Carlos de Assis.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Estudos - tradução. 2. Representação - atores
sociais. 3. Evangelhos - bíblia. 4. Narradores -
evangelistas. 5. Jesus Cristo. I. Assis, Roberto Carlos
de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 27-23=030(043)

FLAVIANA FERREIRA DE OLIVEIRA LOPES

**A REPRESENTAÇÃO DE JESUS NOS QUATRO EVANGELHOS DA
BÍBLIA NVI EM PORTUGUÊS E EM ESPANHOL**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis

Prof. Dra. Sinara de Oliveira Branco

Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves

JOÃO PESSOA

2020

AGRADECIMENTOS

Ao Soberano Deus, a minha gratidão por ter chegado até aqui. Sou-lhe grata por todas as oportunidades vividas durante esses dois anos.

Ao professor Dr. Roberto Carlos de Assis, por toda dedicação, cuidado e respeito. Sempre brilhante em tudo que faz. Muito me ensinou contribuindo para meu conhecimento científico e intelectual.

Aos meus pais, Antônio Vicente de Oliveira e Nina, por terem investido em minha educação e estarem presentes e participativos em cada etapa da minha vida.

A toda minha família, que a faço representar nomeadamente através do meu irmão, professor Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira, minha grande inspiração.

Ao meu esposo, Durval Lopes, por todo amor e doação para que eu pudesse finalizar esse trabalho com êxito.

À professora Dra. Sinara de Oliveira Branco, a quem tive a oportunidade de conhecer no início do Bacharelado em Tradução e admirar seu trabalho. Agradeço por aceitar examinar essa investigação com sugestões tão valiosas de uma forma tão branda.

Ao professor Dr. Daniel Antônio de Sousa Alves, por estar em mais um momento da minha vida acadêmica, sempre trazendo excelentes contribuições para este trabalho.

À professora Dra. Suelma Moraes, do Programa de Ciência das Religiões, pela humildade e generosidade em compartilhar conhecimentos na disciplina de Hermenêutica Clássica e pela oportunidade em me incluir na organização do livro da sua linha de pesquisa. Muito me ensinou em pouco tempo.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que ofereceram valiosos conhecimentos nessa trajetória.

Aos colegas que conheci durante esses dois anos aqui no curso, amigos, admiradores e simpatizantes que apreciam esse trabalho.

Ao Pró-vida Saúde, pela gentileza e flexibilidade na permissão de me ausentar do trabalho, quando precisei participar de algum evento relacionado ao curso.

A todos que se sentem cativados pela leitura bíblica, seja no aspecto devocional ou relacionado aos estudos em suas multimodalidades.

RESUMO

Esta dissertação insere-se na interface dos Estudos da Tradução com a Representação de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997) e estilo em textos ficcionais (LEECH E SHORT, 2007) ao investigar como as escolhas léxico-gramaticais constroem significados em textos em relação tradutória na língua portuguesa e espanhola. Trata-se de uma investigação das formas de apresentação de Jesus como apresentado pelos narradores/evangelistas nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, nas traduções para o português e espanhol da Bíblia NVI (Nova Versão Internacional). Realizações de Jesus Cristo como Ator Social foram identificadas e anotadas conforme o recorte de Personalização e Impersonalização. As análises revelam que Jesus Cristo é representado principalmente pela Personalização em ambas as línguas, sendo nomeado e funcionalizado em ambas as línguas. Argumenta-se que, por meio dessas ocorrências, Jesus é mais humanizado que divinizado em Mateus, Marcos, Lucas e João. Para além dessa análise, essa dissertação também apresenta resultados concernentes ao estilo dos textos construídos pelos narradores. Os dados revelam, principalmente, a atuação dos narradores por meio do discurso direto, que proporciona maior visibilidade à personagem central desta investigação, Jesus Cristo, por meio de outras personagens existentes nas narrativas; recurso que foi especialmente utilizado em João e Lucas, nos dois idiomas.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Representação de Atores Sociais. Evangelhos. Narradores. Jesus.

ABSTRACT

This thesis is located in the interface of Translations Studies with the Representation of Social Actors (VAN LEEUWEN, 1997) and style in fictional texts (LEECH and SHORT, 2007) by investigating how lexicogrammatical choices construct meanings in texts with translational relations in Portuguese and Spanish. It is an investigation of the forms of representation of Jesus in the Portuguese and Spanish translations of the NIV Bible (New Internacional Version). Realizations of Jesus Christ as a Social Actor were identified and annotated according to the Personalization and Impersonalization system. The analysis reveals that Jesus Christ is represented mainly by Personalization in both languages, especially by Nomination and Functionalization. It is argued that, through these results, Jesus is more humanized than divinized in Matthew, Mark, Luke and John. In addition to this analysis, this thesis also presents results concerning the style of these texts constructed by their narrators. Results mainly reveal the actuation of narrators through direct discourse, which makes the central character of this investigation, Jesus Christ, visible through other characters in the narratives. This narrative resource is especially visible in John and Luke in both languages.

Keywords: Translations Studies; Representations of Social Actors; Gospels; Narrators; Jesus.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Sistema de Representação de Atores Sociais.....	17
Figura 2 – Resultados no Antconc 3.5.8 para <11114>.....	53
Figura 3 – Resultados no Antconc 3.5.8 para <1111?>.....	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de construção de Jesus nos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol.....	68
Gráfico 2 – Distribuição das Narrativas dos Atos de fala pelos narradores dos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Subcategorias de Personalização de Jesus como Ator Social.....	23
Quadro 2 – Grade de anotação e códigos numéricos para as etiquetas.....	48
Quadro 3 – Mecanismos de coesão lexical e gramatical utilizado pelos tradutores e português e espanhol nos quatro evangelhos.....	57
Quadro 4 – Realizações de Jesus Cristo no par linguístico em análise nos quatro evangelhos bíblicos.....	69
Quadro 5 – Representações de Discurso Direto nos quatro evangelhos bíblicos em línguas portuguesa e espanhola.....	64
Quadro 6 - Representação das narrativas de apresentação das ações nos quatro evangelhos em português.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Subcorpora analisados na pesquisa.....	47
Tabela 2 – Quantidade de representações de Jesus nos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol.....	59
Tabela 3 – Personalização e Impersonalização de Jesus nos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol.....	63
Tabela 4 – Formas de Personalização de Jesus nos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol.....	64

Tabela 5 – Formas de Impersonalização de Jesus nos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol.....	66
Tabela 5 – Tipos de Discursos e Narrativas dos Atos de fala nos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1- APORTE TEÓRICO	14
1.1 Representação de Atores Sociais	14
1.1.1 Aplicações da RAS.....	23
1.2 A apresentação do discurso	26
1.2.1 Tipos de narradores e Formas de Controle de Personagens	28
1.3 A Bíblia e sua diversidade de estudos	32
1.3.1 A Bíblia e os Estudos da Tradução	32
1.3.2 A Bíblia e a Literatura	33
1.3.4 A Bíblia e a perspectiva histórica	38
1.3.5 A Bíblia e a perspectiva teológica	38
1.4 Os evangelhos no Novo Testamento	38
1.4.1 O evangelho de Mateus	39
<u> 1.4.2 O evangelho de Marcos</u>	<u>43</u>
1.4.3 O evangelho de Lucas.....	44
1.4.4 O evangelho de João	46
CAPÍTULO 2- METODOLOGIA E CORPUS	48
2.1 Passos metodológicos	48
2.1.2 Anotação do corpus	49
2.1.3 AntConc 3.5.8	51

2.2 O Corpus: Contextualização Bíblia NVI (Nova Versão Internacional) Português e Espanhol	53
CAPÍTULO 3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	54
3.1 Pergunta 1: Como Jesus Cristo é representado nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João nas línguas portuguesa e espanhola?.....	54
3.2 Pergunta 2: Quem constrói Jesus nos evangelhos: Os narradores ou as personagens controladas por eles?	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Partindo de uma perspectiva linguística com a Representação de Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1997) e estilo em textos ficcionais (LEECH E SHORT, 2007), esta dissertação insere-se na interface dos Estudos da Tradução ao investigar como as escolhas léxico-gramaticais constroem significados em textos em relação tradutória nas línguas portuguesa e espanhola. Trata-se de uma investigação das formas de apresentação de Jesus pelos narradores nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João nas traduções para o português e espanhol da Bíblia NVI (Nova Versão Internacional).

De acordo com Oliveira (2014),

[...] essa versão [da Bíblia] reúne os textos da NVI publicados em inglês no ano de 1993; em espanhol, no ano de 1999; e em português, no ano de 2000. Ela se constitui como uma das mais atuais no campo de tradução da Bíblia no Brasil ao ser publicada pela Sociedade Bíblica Internacional na cidade de Santo André – São Paulo em 2009. Segundo a Comissão de Tradução, que assina o Prefácio, essa versão tem como principal projeto de tradução a proposição de um texto com uma linguagem mais atual e “dinâmica”.

A motivação para escolha dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas se deu como uma proposta de ampliação da pesquisa realizada por Oliveira (2014), que analisou o evangelho de João e concluiu que Jesus Cristo, objeto de estudo naquele trabalho, foi referido por meio de formas distintas nos textos em português e espanhol. O trabalho foi instigante a ponto de ensejar a investigação dos outros três evangelhos.

Embora o subcorpora de João tenha sido novamente utilizado nessa pesquisa, a metodologia utilizada foi diferente. Decidi refazer os dados de João, analisado para manter o padrão nos quatro evangelhos, e durante esse trabalho, houve uma ligeira diferença manual x computacional, talvez isso se deva aos formatos utilizados. Na primeira pesquisa foi utilizado o texto impresso e na atual, os textos disponíveis na internet. A segunda motivação foi perceber que, além das perspectivas teológicas, históricas e linguísticas, não foram encontradas investigações que abordassem o estilo dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João nos termos de Leech e Short (2007). Nesse sentido, percebe-se que é relevante investigar os evangelhos no que concerne aos aspectos literários. A escolha da Representação de Atores Sociais como ferramenta de análise se deu por sua produtividade, ao abordar os

modos como os Atores Sociais são representados por meio do discurso em língua inglesa. Para isso, van Leeuwen (1997) criou um inventário sociossemântico para abordar como essas representações ocorrem. A teoria se mostrou profícua para esta investigação, pois, ao se debruçar sobre esses textos bíblicos, percebe-se a variedade de escolhas feitas pelo narrador, ao representar Jesus por meio de várias escolhas linguísticas, como A luz, Mestre, o Santo, entre outras formas que serão apresentadas nesta pesquisa.

As perguntas que orientam esta dissertação são duas:

- a) Como Jesus Cristo é representado nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João nas traduções para as línguas portuguesa e espanhola da Bíblia NVI?
- b) A quem podem ser atribuídas as formas de apresentação de Jesus: aos narradores ou às personagens controladas por eles?

No que concerne à primeira pergunta, pretende-se investigar como Jesus Cristo é representado nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João nas línguas envolvidas na análise. No que concerne à segunda, pretende-se investigar como ocorre a forma de controle das personagens; se são feitas pelos narradores ou personagens controlados por eles nas narrativas.

Ao responder essas perguntas, esta investigação tem como objetivos gerais:

Analisar como a representação de Jesus é construída nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João sob um prisma linguístico e literário.

A pesquisa tem como objetivos específicos:

- a) Investigar como Jesus é representado nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João por meio de categorias de representação de Atores Sociais;
- b) Investigar como Jesus é construído nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João através das formas de controle de personagens (Leech e Short, 2007)

Esta dissertação está composta por três capítulos que seguem esta introdução, além das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta o aporte teórico, o qual utilizamos como base para essa investigação, inserindo-a nos Estudos da Tradução, nos estudos sobre

Representação de Atores Sociais e estilo em textos ficcionais. O segundo capítulo apresenta o corpus e a metodologia desta pesquisa, contextualiza os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João e indica os passos para a investigação desta pesquisa. O terceiro capítulo apresenta o resultado e as análises dos dados de forma a responder às perguntas que guiam esta pesquisa; finalmente, as considerações finais revisitam o propósito deste trabalho e apresentam sugestões de pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1- APORTE TEÓRICO

1.1 Representação de Atores Sociais¹

A forma como nos referimos às pessoas revelam os papéis que elas desempenham na sociedade. Van Leeuwen (1997) aborda como essas referências funcionam, demonstrando como as pessoas podem ser incluídas ou excluídas nos discursos de acordo com os interesses de quem propõe.

O sistema de Representação de Atores Sociais, doravante RAS, foi desenvolvido por van Leeuwen (1997) como parte de sua tese de doutoramento apresentada em 1993, na Universidade de Sidney, Austrália, apoiando-se em teorias sociológicas (BERGER E LUCKMANN, 1973) e na Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1985) que concebem a linguagem como “um potencial de significados”, ou seja, “o que pode ser dito” ao invés de utilizar uma lista de normas, “o que deve ser dito”.

Van Leeuwen (1997), em uma tradução para o português do seu artigo publicado originalmente em 1996, faz um recorte de sua tese e nos apresenta as formas como os participantes no discurso são referidos socialmente através da linguagem. O autor concentra-se na língua inglesa investiga como os Atores Sociais são representados por meio do discurso. No sistema sociossemântico proposto, van Leeuwen (1997), apresenta as formas como os atores são referidos socialmente. Diferente de outros estudos de análise crítica do discurso, no entanto, o autor não se restringe a operações linguísticas, como a nominalização ou o agente da passiva ou a categorias linguísticas, como as da transitividade, mas, sim, busca esboçar um inventário sociossemântico das formas pelas quais os Atores Sociais podem ser representados, com o objetivo de estabelecer a relevância sociológica e crítica das suas categorias, antes de se deter sobre o questionamento de como se realizam linguisticamente.

Van Leeuwen (1997, p. 170) justifica sua escolha por duas razões: a primeira delas é “a falta de biunicidade da língua”, ou seja, o autor observa que algumas realizações linguísticas são literais ou congruentes, como também podem ser metafóricas e incongruentes.

¹ Esta seção apresenta conteúdo parcial de Oliveira (2014), que investigou a representação de Jesus no evangelho de João em português e em espanhol.

Conforme afirma o autor, é possível perceber que os papéis desempenhados pelos participantes e os contextos que os inserem possuem uma significativa relevância para a análise crítica do discurso, evidenciando o papel da Agência.

Van Leeuwen (1997), citando Michael Halliday (1985)², afirma que a Agência está sendo referida em seu trabalho como aspecto sociológico, ou seja, o autor analisa se as realizações linguísticas representam os Atores Sociais como “agentes” ou como “pacientes”. Além dessa maneira, a Agência, também, pode ser representada através de outras formas, como, por exemplo, por meio de recursos gramaticais. Ao referir-se à Agência enquanto aspecto sociológico, as ações dos participantes estarão ligadas a cultura e podem ser representadas também de forma impessoal ou por meio de imagens. Assim sendo, van Leeuwen (1997), propõe o estudo de suas categorias como pansemióticas, ou seja, a contextualização que cada cultura tem em si e sua forma de representar a realidade, evidenciando que as realizações dos participantes podem estar sujeitas ao contexto histórico, social ou cultural de cada lugar.

Ilustrando o que foi discutido até agora, serão apresentados dois exemplos, retirados de van Leeuwen (1997), de como a agência sociológica é realizada ou excluída:

Exemplo 1: *Allied air activity over battlefield intensifiers*,/ (Atividade aérea aliada sobre campo de batalha intensifica-se)³

No exemplo 1, percebe-se o apagamento da agência sociológica por meio do grupo nominal *Allied air activity over battlefield* / *Atividade aérea aliada sobre campo de batalha*, ou seja, conforme van Leeuwen (1997), nesse caso, não se sabe quem são os que promovem as *allied air activities*/atividades aéreas. Tanto no exemplo em inglês, quanto na tradução para o português, feita por Emília Pedro Ribeiro, a ação social realiza-se de forma impessoal, na qual o apagamento da agência também ocorre pela nominalização atividade aérea, ou seja, a ação ocorre, só não se sabe quem a promoveu.

Exemplo 2: *People of Asian descent say they received a sudden cold-shoulder from neighbours and co-workers*. (As pessoas de descendência asiática dizem que sentiram um súbito esfriamento por parte dos vizinhos e colegas de trabalho.)

² HALLIDAY, Michael A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Edward Arnold: Londres: 1985.

³ As traduções dos exemplos são apresentadas conforme van Leeuwen (1997), feitas por Emília Pedro Ribeiro.

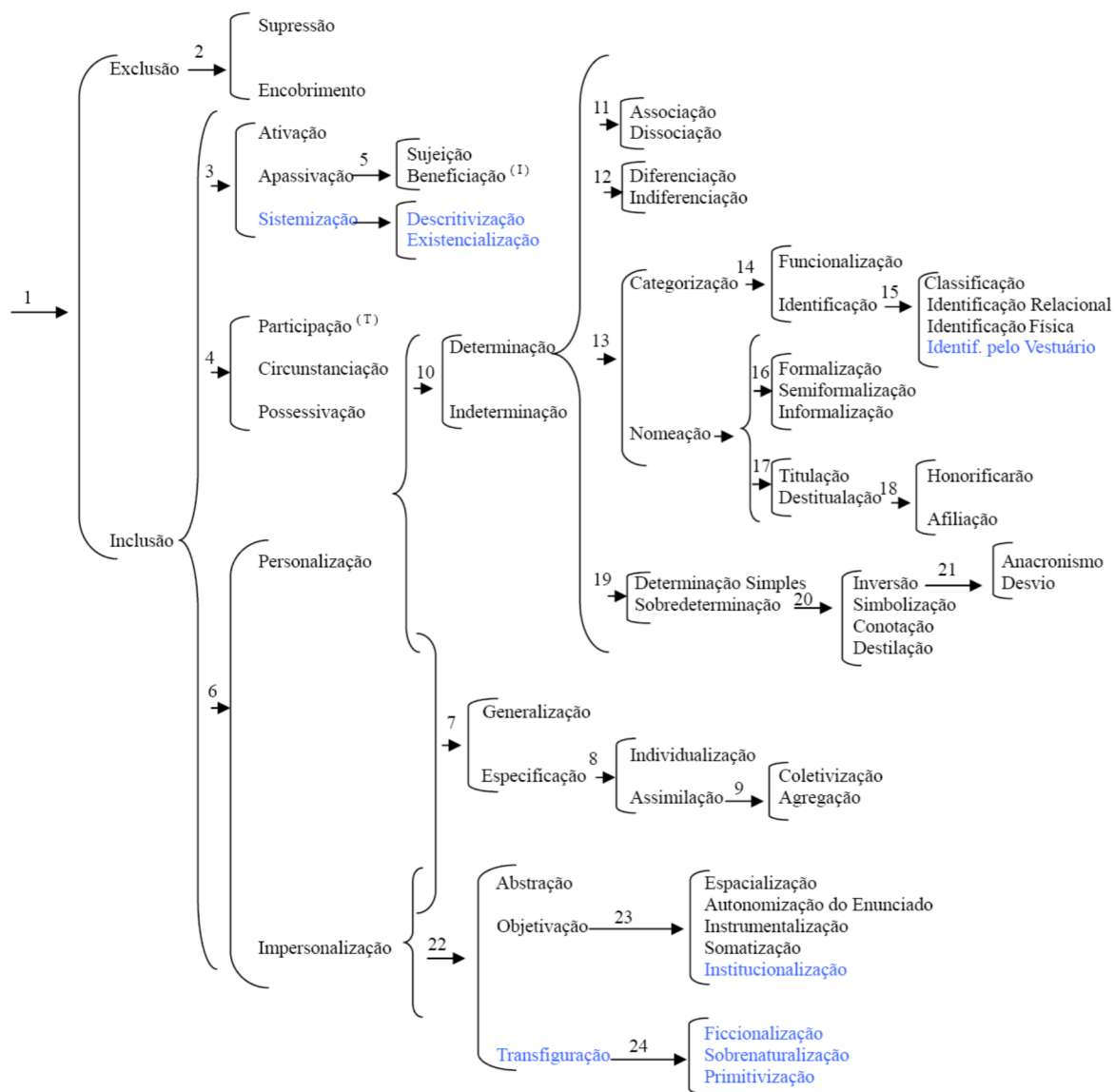
No exemplo 2, na língua inglesa, o agente é representado por meio do sintagma preposicional *from neighbours and co-workers*. Nesse caso, segundo van Leeuwen (1997 p. 187), “a ativação pode também realizar-se de outras formas, por exemplo, através da circunstancialização, ou seja, através de circunstâncias preposicionadas introduzidas por *by* ou *from*, como em *from neighbours and co-workers*”. Na tradução para o português, a representação se dá pelo sintagma preposicional *por parte dos vizinhos e colegas de trabalho*.

Ao apresentar suas categorias, van Leeuwen (1997), começa pela Exclusão, que se desmembra em Supressão e Encobrimento; em seguida apresenta a Inclusão, que se divide em Ativação e Apassivação; seguem-se Participação, Circunstanciação e Possessivação; Personalização e Impersonalização, que se subdividem em outras subcategorias, como pode ser visualizado na Figura 1, reproduzida a partir de Assis (2009, p. 46).

A Figura 1, a seguir, apresenta as categorias propostas por van Leeuwen (1997). Vale lembrar que, para leitura da rede de sistemas, os colchetes no diagrama indicam escolhas alternativas (ou/ou), enquanto as chaves indicam escolhas simultâneas (e/e). Para este trabalho, faremos um recorte e trabalharemos apenas com as categorias de Personalização e Impersonalização, que serão apresentadas mais detalhadamente ainda nesta seção.

A figura 1 apresenta o Sistema de Representação de Atores Sociais. Os sistemas que aparecem em azul fazem parte da proposta de expansão do sistema feita por Assis (2009):

FIGURA 1: Sistema RAS Expandido por Assis (2009)



Fonte: Assis (2009, p. 120)

Na leitura da Figura 1, percebe-se que o sistema se inicia pela Inclusão/Exclusão. Segundo van Leeuwen (1997), os Atores Sociais podem ser excluídos ou incluídos dependendo dos interesses nos quais o discurso está sendo construído e a quem é direcionado.

A Exclusão⁴ se dá por meio da Supressão ou do Encobrimento. A primeira forma é conhecida como exclusão radical, pois ocorre quando não se encontram referências ao ator social ao longo do texto. A supressão também pode ser realizada através de orações infinitivas, que funcionam como um participante gramatical. Já o Encobrimento acontece quando o ator social é colocado em segundo plano, ou seja, pode ser feita menção a ele em alguma parte do texto, possibilitando a identificação dessa marca pelo leitor.

A seguir, serão apresentados dois exemplos das ocorrências aqui discutidas: Supressão e Encobrimento.

Exemplo 3 - Supressão: *In Japan similar concerns are being expressed about a mere trickle of Third world immigrants.* (No Japão estão a surgir preocupações devido apenas à infiltração e contínua dos imigrantes do Terceiro Mundo.)

O exemplo 3, em inglês, apresenta duas formas de supressão. Pela nominalização “preocupações” e pelo apagamento do agente da passiva. Não se sabe quem “preocupa” nem quem “expressa as preocupações”. Já na tradução para o português, além de não se saber quem preocupa, elas ganham autonomia e a capacidade de “surgirem”. Tanto no exemplo em inglês quanto na tradução, os atores que se preocupam e expressam não são mencionados.

O exemplo 4, a seguir, ilustra uma forma de Encobrimento. De acordo com van Leeuwen (1997), o Encobrimento acontece quando o ator social é colocado em segundo plano, ou seja, pode ser feita menção a ele em alguma parte do texto, possibilitando a identificação dessa marca pelo leitor.

Exemplo 4 - Encobrimento: *The level of support for stopping immigration is at a postwar high.* (O apoio ao entrave completo à imigração atingia um nível tão alto como o do pós-guerra.)

De acordo com van Leeuwen (1997, p.182), o exemplo 4 não nos apresenta os nomes das pessoas envolvidas, mas sim, “os nomes de processo que permitem, igualmente, a exclusão de atores sociais”. O autor questiona se nesse exemplo o encobrimento teria ocorrido

⁴ Para efeito didático, os termos relativos às categorias sociossemânticas aparecerão sublinhadas na primeira ocorrência. Adotam-se as iniciais maiúsculas para identificá-las como termos, como é praxe entre os sistemicistas funcionais.

pelo fato de os leitores terem conhecimento prévio e/ou até a redundância que poderia ocorrer no texto se houvesse maiores detalhes.

Para van Leeuwen (1997), as exclusões são recursos frequentemente utilizados pela mídia para fazer valer seus próprios interesses. No entanto, algumas exclusões podem ser tratadas como recursos anafóricos de coesão, que podem ser subtendidas como conhecidas pelos leitores ou que não são tão interessantes para eles. No que concerne à Inclusão, os Atores Sociais podem ser ativados ou apassivados. A Ativação ocorre quando os Atores Sociais são ativados por sua dinamicidade e atividade. Enquanto a Apassivação acontece quando os Atores Sociais são representados pela submissão a uma determinada atividade ou como receptores dela. Quando os Atores Sociais são ativados no discurso, eles são identificados como o Ator, em Processos Materiais, o Comportante, em Processos Comportamentais, o Experienciador, em Processos Mentais, o Dizente, em Processos Verbais, ou o Atribuidor, em Processos Relacionais. Diz-se que, nesses casos, os Atores Sociais são ativados ou apassivados por Participação. Além dessa forma, os Atores Sociais também podem ser ativados ou apassivados por meio da Circunstanciamento, que acontece por um sintagma preposicional ou ainda por meio da Possessivação, ou seja, através de um sintagma preposicional em uma forma nominal, utilizando o *of* [*de*] para modificar a nominalização.

Os exemplos seguintes serão referentes à subcategoria de Ativação de Atores Sociais no discurso.

Exemplo 5- Ativação: *Children seek out aspects of commercial television as a consolidation and confirmation of their everyday live... the kids use it [television] subversively against the rule-bound culture and institution of the school.* (Curthoys e Docker 1989: 68) (As crianças procuram aspectos da televisão comercial como consolidação e confirmação da sua vida quotidiana.... Os miúdos usam-na [televisão] subversivamente contra a cultura limitada às regras e à instituição da escola.)

De acordo com van Leeuwen (1997), no exemplo 5, a função do Ator Social é bem definida através da Participação pelas formas: crianças e miúdos. Conforme van Leeuwen (1997), o grupo nominal crianças e miúdos é considerado Ator no que se refere às funções que desempenham por meio dos processos Materiais “procuram” e “usam” e os itens: televisão, aspectos da televisão comercial e “na” se constituem como Meta nos dois processos referidos.

Para van Leeuwen (1997), a Ativação pode ocorrer também por meio da Circunstancialização, ou seja, através de circunstâncias preposicionadas introduzidas pelas preposições *by* ou *from*, como em *from neighbours and co workers*, como apresentado

anteriormente no exemplo 2. Finalmente, os Atores Sociais podem ser ativados no discurso por meio da Possessivação, “o uso de um pronome possessivo para ativar”. O exemplo 6 ilustrará essa ocorrência.

Exemplo 6 – *Our intake/ O nosso influxo*

No exemplo 6, pode-se perceber a Ativação do Ator Social através da Possessivação *Our intake/O nosso influxo*, ou seja, a posse que se tem sobre algo.

Além de ativados, os Atores Sociais podem ser apassivados socialmente; essa ocorrência se dá por meio da Apassivação, que se distingue da Ativação por meio da submissão na qual os Atores podem ser representados no discurso. Essa categoria se biparte em Sujeição e Beneficiação. Na primeira, os Atores Sociais sujeitos são representados como objeto na realização; já os atores beneficiados fazem parte de um grupo que se beneficia das atividades desempenhadas pelas forças ativas. A Apassivação por Sujeição pode se realizar por meio da Participação, quando o participante apassivado “é Meta, em um Processo Material, é Fenômeno, em um Processo Mental ou é Portador, em um Processo Atributivo Efetivo”. Na Beneficiação, o ator social beneficiado “é Receptor ou Cliente, em relação a um Processo Material ou Destinatário, em relação a um Processo Verbal”. Veja como ocorre esse tipo de categoria no exemplo 8.

Exemplo 7: 80 Young White thugs attacked African street vendors. (80 Jovens brancos malfeitores atacaram os vendedores ambulantes)

No exemplo 7, em inglês, podemos perceber a realização da Apassivação por Sujeição quando os vendedores ambulantes são Meta na oração Material.

A Apassivação ocorre, ainda, no discurso, por meio da Possessivação, “normalmente sob a forma de um sintagma preposicional com *of* pós modificando uma nominalização ou substantivo processual.” Veja como ocorre esse tipo de realização linguística no exemplo 8.

Exemplo 8: An intake of some 54,000 skilled immigrants is expected this year. (Espera-se, este ano, um influxo de cerca de 54,000 imigrantes qualificados).

Ao mesmo tempo em que são ativados ou apassivados, os Atores Sociais podem ser personalizados ou impersonalizados através da Personalização e Impersonalização. Na primeira categoria, os Atores Sociais são representados por meio de características humanas,

enquanto a segunda representa os Atores Sociais através de referências que lhes subtraem o traço ⁺humano.

Quando personalizados, os Atores Sociais podem ser representados por meio da Categorização ou Nomeação. A Categorização se desmembra em Funcionalização e Identificação. A Funcionalização refere aos Atores Sociais por meio das atividades ou funções que eles desempenham na sociedade, como o professor, a juíza, entre outras formas: a Identificação representa os Atores Sociais por meio de suas identidades, desmembradas em Classificação, Identificação Relacional, e Identificação Física. Por meio da Classificação, os Atores Sociais são referidos por sua idade, sexo, gênero, origem, como a mulher, o mineiro, entre outras; por meio da Identificação Relacional os Atores Sociais são referidos por suas relações familiares ou graus de parentesco como o noivo, a mãe, entre outras; e, finalmente, por meio da Identificação Física os Atores Sociais são referidos por suas características físicas como altura, peso, cor de cabelo, dentre outras. Alternativamente à Categorização, os Atores Sociais podem ser referidos por meio da Nomeação, que os representa pela sua identidade única, ou seja, seu próprio nome, como Jesus ou Jesus Cristo. Segundo van Leeuwen (1997), essa é a forma que atribui maior poder, ao considerar o representado em sua individualidade. Essa categoria se desmembra em: Formalização, Semiformalização e Informalização. A Formalização representa os Atores Sociais por meio de sobrenomes ou honoríficos. A Semiformalização acontece pelo nome próprio e sobrenome. Já a Informalização os representa apenas pelo nome próprio, podendo ser ocultado. As nomeações podem dar-se, também, através da Titulação e Destitulação. A primeira se dá por meio de títulos que são concedidos por meio de cargos. A Titulação se desmembra em Honorificação e Afiliação. A primeira acontece quando se adiciona títulos aos nomes e a segunda, quando se concede um termo de relação familiar ou graus de parentesco.

Exemplo 9– Honorificação: *In 50 years, Dr. Price says, 26 per cent of the Australian population will be Asian.* (Dentro de 50 anos, afirma o Dr. Price, 26 % da população australiana será asiática).

No exemplo 9, *em inglês*, *In 50 years, Dr. Price says...*, a Honorificação pode ser visualizada através do título doutor (Dr.) que antecede o nome Price. Na tradução para o português, a Honorificação também ocorre pelo título de Dr. que antecede a nomeação Price.

Exemplo 10 – Afiliação: *They started out, Auntie Barbara pushing Debbie in her pram.* (Eles foram-se embora, a titi Bárbara a empurrar a Debbie no carrinho de bebê).

No exemplo 10, na língua inglesa, podemos visualizar a relação de parentesco que ocorre através da afiliação na referência feita a *Auntie Barbara*. Na tradução para o português, a referência é feita como *titi*, atribuído a Bárbara, uma forma carinhosa utilizada no português de Portugal, equivalente à titia, no português do Brasil.

Após explicar sobre as formas de Personalização, cabe agora a apresentação das duas subcategorias da Impersonalização: a Abstração e a Objetivação. A primeira representa os Atores Sociais por meio de características atribuídas a ele de forma concreta ou abstrata, retirando-lhes as características humanas. Já a segunda representa o Ator Social por meio de forma metonímica. Essa se desmembra em: Espacialização, Autonomização do Enunciado, Instrumentalização e Somatização. Através da Espacialização os Atores Sociais são representados por meio de um espaço físico. Através da Autonomização do Enunciado os Atores Sociais são referidos por meio de seus próprios enunciados. Através da Instrumentalização os Atores Sociais são referidos por meio de um instrumento no qual desempenham suas atividades. Através da Somatização os Atores Sociais são referidos através de partes do seu corpo.

O Quadro 1, a seguir, resume e oferece exemplos das subcategorias de Personalização e Impersonalização, que serão foco deste trabalho. Por não haver realizações linguísticas de todas as categorias no corpus desta pesquisa, alguns exemplos referentes às categorias de Identificação física, parte de Objetivação foram retirados de Assis (2009).

Quadro 1: Subcategorias de Personalização e Impersonalização de Jesus como ator social

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	EXEMPLO
Classificação	Um ator social é referido através de um substantivo ou grupo nominal expressando a categoria que não se refere a uma atividade (Ex.: idade, gênero, raça, classe, nacionalidade).	Eles se dirigiram a João e lhe disseram: “Mestre, aquele homem que estava contigo no outro lado do Jordão, do qual testemunhaste, está batizando, e todos estão se dirigindo a ele”. (Jo 1.26)
Identificação Relacional	O participante é referido por suas relações familiares e de amizade.	...“A multidão falou: A Lei nos ensina que o Cristo permanecerá para sempre; como podes dizer: ‘O Filho do homem precisa ser levantado’? Quem é esse ‘ Filho do homem’”? (Jo 12.34)
Identificação Física	O participante é definido por suas características físicas.	“O gordo deu um suspiro”. (ASSIS 2009)
Funcionalização	O participante é referido por meio de suas funções desempenhadas na sociedade.	– Rabí , ¿dónde te hospedas? (Rabí significa: Maestro.) (1.38)
Nomeação	O participante é representado pelo seu nome.	No dia seguinte Jesus decidiu partir

		para a Galiléia. Quando encontrou Filipe , disse-lhe: “Siga-me”. (Jo 1.44)
Abstração	O ator social é referido por meio de características que lhe é atribuída.	O primeiro que ele encontrou foi Simão, seu irmão, e lhe disse: “Achamos o Messias ”. (isto é, o Cristo) (Jo 1.41).
Objetivação	Representam-se os Atores Sociais através de uma referência a um local ou coisa que esteja diretamente associada ou à sua pessoa ou às atividades a que estão ligados (referência metonímica). Realiza-se através de: a) Espacialização – local ao qual estão associados. b) Autonomização do enunciado – referência aos seus enunciados. c) Instrumentalização - referência ao instrumento com o qual o ator social empreende a atividade a que está ligado. d) Somatização – referência a uma parte do corpo.	“Toda a Europa contribuía para a fabricação de Kurtz...” (ASSIS, 2009) “Um clamor de lamentações modulado por dissonâncias selvagens encheu nossos ouvidos...” (ASSIS, 2009) “Este é o julgamento: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram as trevas, e não a luz , porque as suas obras eram más.” (Jo 3.19) “Dia após dia, o bater e arrastar de sessenta pares de pés descalços às minhas costas...”. (ASSIS, 2009)
Primitivização	O ator social é referido por meio da representação que lhe subtrai os traços +humano +terreno.	No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: “Vejam! É o Cordeiro de Deus , que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29)
Sobrenaturalização	O participante é referido de forma sobrenaturalizada.	Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido. (Jo 1.18)

Fonte: Elaborado pela autora com base nas descrições de van Leeuwen (1997) e exemplos do corpus desta pesquisa, exceto quando indicado outra fonte.

1.1.1 Aplicações da RAS

Esta seção retoma, parcialmente, e atualiza o conteúdo apresentado em Oliveira (2014), que investigou a representação de Jesus no evangelho de João em português e em espanhol.

Diversas pesquisas se inserem na interface dos Estudos da Tradução e a Representação Social. Magalhães (2013), em *Representação social em corpus de tradução e mídia*, por exemplo, reúne os resultados de três pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas no

contexto da UFMG e que aplicam a referida teoria. A primeira pesquisa é a de Novodvorsky (2013), apresentada a seguir.

Novodvorsky (2013) investiga em sua pesquisa a forma de representação dos Atores Sociais sobre o ensino do espanhol no Brasil, evidenciando os participantes incluídos e excluídos nas notícias concernentes à temática. Para Novodvorsky (2013), a questão de inclusão ou exclusão estará diretamente ligada aos interesses de quem escreve. O autor analisa, em seu trabalho, notícias acerca da inclusão e relevância de se ensinar espanhol no Brasil. As notícias utilizadas foram veiculadas em jornais considerados nacional e internacionalmente no Brasil, Espanha e Argentina de forma virtual no período entre 1998 e 2007. Novodvorsky (2013) analisa 68 textos, nos quais, obtém o quantitativo de 332 realizações linguísticas de Supressão, que ocorreram da seguinte forma: 38 realizações nos jornais do Brasil, 160 nos jornais da Espanha e 134 nos jornais da Argentina. De acordo com Novodvorsky (2013) citando van Leeuwen (1997), a Supressão ocorre quando não há marcas no texto do Ator Social em estudo. Essa categoria teve um maior quantitativo nos jornais da Espanha. Além dessa categoria, o autor também analisa a categoria do Encobrimento e, nesta, conforme o autor, há possibilidades de recuperar o Ator Social no texto. Nesta categoria foram encontradas 648 ocorrências: 295 realizações nas notícias da Espanha, 216 nos jornais do Brasil e 61 realizações na Argentina. Em sua investigação, Ariel Novodvorsky concluiu que, ainda que o Brasil tenha aderido ao ensino de língua espanhola em suas escolas, à divulgação nos jornais em matérias nesse porte foram poucas comparadas à Espanha que é a principal interessada de acordo com os números.

Nos capítulos 2 e 3 do referido livro, Assis (2013) apresenta os resultados de sua tese de doutorado, discutindo como europeus e africanos são representados na novela de Joseph Conrad, *Heart of Darkness* (O Coração das Trevas) e em duas de suas traduções para a língua portuguesa brasileira. A análise quantitativa do *corpus* revelou que a novela de Conrad é mais sobre europeus que sobre os africanos numa proporção de 72,0 % de referências a Europeus e 28,0% a africanos. A análise dos dados mostra atuações de europeus em papéis de destaque, diferentemente dos africanos, que são excluídos ou recebem atuações de pouca importância, constituindo-se em apenas cenário para o desenvolvimento da história da novela.

Nos capítulos 5 e 6, Bueno (2013) investiga como Chapeuzinho Vermelho/ Caperucita Roja é representada por meio da teoria de representação visual e suas ações sociais em

traduções⁵ para o espanhol argentino e o português brasileiro. A autora analisa se as diferenças existentes nas traduções se distanciam ou se aproximam do conto original escrito por Charles Perrault. Para análise dos dados a autora se apoiou em (van Leeuwen, [1995] 2008) e concluiu que a protagonista é mais ativada que apassivada em todas as traduções, ou seja, em pequeno ou grande número ela aparece de forma ativa nos textos. E, por fim, no que tange às traduções com base em Perrault, elas apresentam um pequeno número em ativações em relação aos outros textos e semelhante número em relação às formas ativadas e apassivadas.

Também, na perspectiva da RAS, analisando especificamente no evangelho de Lucas, Costa (2019) aponta, em seu trabalho, a representação das mulheres em traduções para o inglês e português da Bíblia NVI. Em seu trabalho, além das representações sociais, a autora investiga também a forma de controle de personagens como apresentados em Leech e Short (2007). Costa (2019) conclui que, no par linguístico em análise, as mulheres são representadas de forma mais personalizadas nas subcategorias de Nomeação, Classificação e Identificação Relacional; e ao referir-se a forma de controle de personagens, a autora afirma que tanto os narradores quanto as personagens reconhecem o empoderamento feminino neste evangelho por meio das categorias sociossemânticas nas que já foram referidas, especialmente, a categoria de Nomeação que atribui maior poder ao Ator em sociedade.

A RAS tem sido abordada também nas relações discursivas no que tange às questões de reforço ou enfraquecimento étnico. Caldeira (2012) investiga essa temática relacionada a textos desenvolvidos por alunos indígenas e não indígenas em sala de aula. Sua investigação foi desenvolvida no Colégio Estadual Frei Antônio na cidade de Tocantínia, estado de Tocantins. Caldeira (2012) visitou à escola apresentando a temática: “o que é ser índio”, após a apresentação, a pesquisadora solicitou que os alunos indígenas e não indígenas desenvolvessem um texto sobre o assunto discutido. A autora afirma que a solicitação dos textos foi feita de forma igualitária, ou seja, 22 produções para indígenas e 22 para não indígenas. Segundo a pesquisadora, nos textos produzidos por alunos não indígenas, os índios são referidos através da forma passiva, ou seja, sem muita valorização. Ao serem referidos enquanto agentes por esse mesmo grupo, eles são referidos pela historicidade que possuem ou pelas questões culturais que lhes são inerentes. No que tange às referências feitas pelos alunos

⁵ Vale dizer que a autora trabalha com o conceito de tradução como reescrita (LEFEVERE, 2007).

indígenas, ocorre a inclusão de forma genérica, considerando os aspectos biológicos e culturais quanto a preservação da identidade de seu povo. Caldeira (2012) conclui que, os textos produzidos pelos não indígenas excluem de certa forma os indígenas e estes em seus escritos valorizam sua classe, cultura e continuam resistentes aos apagamentos das diferenças na sociedade.

1.2 A apresentação do discurso

De acordo com Leech e Short (2007), os discursos são utilizados de formas diversas aos fins que lhes são designados. Em seu trabalho, os autores apresentam sete formas de apresentação do discurso: Discurso Direto, Discurso Indireto, Discurso Direto Livre, Narrativa dos Atos de Fala, Discurso Indireto Livre, Narrativa dos Atos de Pensamento e Narrativa de representação de ações. Esta subseção apresentará, de forma sucinta, os sete tipos. Essa discussão se aplica também à língua portuguesa e espanhola, nas quais se situa o corpus dessa pesquisa. Após a descrição das formas de apresentação do discurso, serão apresentados exemplos de cada uma. Por não haver exemplos no corpus utilizado nesta pesquisa para todas as categorias, serão utilizados exemplos extraídos de Leech e Short.

De acordo com Leech e Short (2007), no Discurso Direto, o relato é feito através das próprias palavras de quem falou, geralmente são utilizados, na língua inglesa, verbos de elocução, aspas e vírgula. Veja essa ocorrência discursiva no exemplo 11.

Exemplo 11: Magos vindos do oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo”.

No exemplo 11, pode-se visualizar a construção dessa forma discursiva por meio do verbo de elocução, dois pontos, e o discurso direto entre aspas.

Acerca do Discurso Indireto, os autores explicam que essa forma discursiva ocorre com o relato do que a outra pessoa falou nas palavras do narrador, nisto se retiram as aspas e modifica-se a estrutura verbal. Nessa forma discursiva se percebe a construção de um discurso híbrido, ou seja, a projeção de um discurso com a mistura de vozes do narrador e personagem, como no exemplo 12, a seguir.

Exemplo 12: *He said that we would return there to see her the following day*. (Ele disse que voltaria a vê-la no dia seguinte) (Tradução nossa)

No Discurso Direto Livre, para Leech e Short (2007), as personagens são apresentadas como se construíssem seus discursos sem a intermediação do narrador. Veja a ocorrência no exemplo 13:

Exemplo 13: (*'I'll come back here to see you again tomorrow.'*) (Eu voltarei para te ver amanhã.) (Tradução nossa)

No exemplo 13, a construção discursiva é feita pelo narrador sem verbo de elocução seguido pelas aspas, ou seja, não há intermediação do narrador nessa construção.

Na Narrativa dos Atos de Fala, os autores afirmam que a construção discursiva se mostra mais indireta que o discurso indireto. Esse tipo de narrativa é percebido em sentenças que relatam um ou mais atos discursivos que ocorreram, no entanto, o narrador não se compromete de forma integral para dar sentido ao discurso proferido. Veja a seguir essa realização com o exemplo 14.

Exemplo 14: *He promised his return.* (Ele prometeu voltar). (Tradução nossa)

No exemplo 14, sabe-se que algo foi dito com significado de promessa, mas não se tem acesso ao conteúdo do que foi dito.

No Discurso Indireto Livre, Leech e Short (2007) apontam que essa forma discursiva se apresenta entre o discurso direto e indireto.

Exemplo 15: *He would come back there to see her again tomorrow.* (Ele retornaria para vê-la amanhã).

No exemplo 15, podemos perceber a presença dos dêiticos *come back* e *tomorrow* antecédidos pelo verbo modal *would* indicando possibilidade ao narrador como terceira pessoa do discurso.

Na Narrativa dos atos de pensamentos, conforme os autores, as ocorrências se dão como na apresentação do discurso, o que as difere é que o narrador nos permite conhecer um pouco dos pensamentos das personagens através dos relatos feitos por elas. Veja como ocorre esse tipo de narrativa no exemplo 16.

Exemplo 16: *He wondered about her love for him.* (Ele maravilhou-se acerca do amor dela por ele.).

No exemplo 16, o narrador nos permite conhecer a expressão do pensamento da personagem em relação a outra.

E finalmente, na Narrativa de apresentação de ações, de acordo com Assis (2009), citando Leech e Short (1981), esta categoria “não envolve a apresentação de fala ou de pensamento. A descrição de ações ou de eventos estáticos é atribuída ao narrador. Inclui-se nesta categoria o conteúdo das orações projetantes”. O exemplo 17 ilustra essa ocorrência.

Exemplo 17: Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. (Jo 8.6)

No exemplo 17, é possível perceber a descrição da ação feita pelo narrador, apontando que a personagem Jesus, inclina-se sobre o chão e escreve.

1.2.1 Tipos de narradores e Formas de Controle de Personagens

Além da RAS, investiga-se também, as formas de controle de personagens nos quatro evangelhos. De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), que analisam a atuação dos narradores nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, o narrador é configurado como aquele responsável por narrar ‘uma história’. Os pesquisadores discutem que, o narrador não pode ser confundido com o autor daquele escrito, pois não necessariamente ele fez parte daquela realidade.

Para Bonnici e Zolin (2009), é de extrema importância perceber a diferença entre autor e narrador em um texto. De acordo com os teóricos, o primeiro constitui-se como o criador do texto enquanto o último, por mais proximidade que demonstre ter do autor, pode ser configurado como um tipo de “personagem”.

Ao referir-se ao primeiro dos evangelhos, Zabatiero e Leonel (2011) discutem que os mecanismos utilizados pelo narrador cumprem a finalidade de dialogar com os interlocutores. Os pesquisadores partem do princípio de que, enquanto gênero literário, o evangelho de Mateus pode ser considerado como biografia greco-romana, na qual, Jesus é inserido como protagonista principal e o narrador, por sua vez, busca persuadir o leitor dessa ideia. Zabatiero e Leonel (2011) afirmam que nesse evangelho, há uma expectativa de que o narrador se constitua como o guia da narrativa, no entanto, isso não ocorre. De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), não se pode conceber que Mateus seja o narrador que leva seu nome enquanto evangelista, pois não há pistas no texto sobre isso. Os autores afirmam que, o narrador se anula e põe Jesus Cristo como centro na narrativa, tendo sempre o leitor como alvo. Para além do leitor, que é chave no processo narrativo, o autor destaca como importantes nesse percurso literário: o escritor e o texto.

Zabatiero e Leonel (2011) afirmam que todo escrito depende de alguém que o narre. O narrador é a pessoa que detém esse papel. Por meio dos mecanismos utilizados na construção textual, ele é quem faz esse percurso entre texto e leitor. Para isso, vários mecanismos são utilizados, os autores citam em seu trabalho: “primeiro” e “segundo planos”, “rapidez e lentidão” de narrativas, tempo, cenário e personagens.

Acerca dos “primeiros e segundos planos”, para Zabatiero e Leonel (2011), esses mecanismos ocorrem da seguinte forma: quando há muitas explicitações no texto e o leitor não encontra desafios, pode-se considerar como narrativa escrita em primeiro plano. No entanto, quando o leitor tem um pouco mais de trabalho para depreender o que está posto, os autores afirmam que o narrador trabalha com o segundo plano. Para ilustrar o que foi discutido, os autores citam como exemplo uma transcrição do comentário feito por Erich Auerbach (1998), ao referir-se a Gênesis 22,1-3, acerca do suposto sacrifício de Isaque por Abraão no trecho bíblico “[...] e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado. Ao terceiro dia, erguendo Abraão os olhos, viu o lugar de longe” (Gênesis 22,3c-4).

Uma viagem é feita, pois Deus indicara o local onde se consumaria o sacrifício; mas nada é dito acerca dessa viagem, a não ser que durara três dias, e mesmo isto é expresso de forma enigmática: Abraão e sua comitiva partiram “de manhã cedo” e se dirigiram ao lugar do qual Deus havia falado; ao terceiro dia elevou os olhos e viu o lugar de longe. O levantar dos olhos é o único gesto, é propriamente a única coisa que nos é dita acerca da viagem, e ainda que ele se justifique pelo fato de o local se encontrar num lugar elevado, aprofunda, pela sua própria singeleza, a impressão de vazio da caminhada; é como se, durante a viagem, Abraão não tivesse olhado nem para a direita nem para a esquerda, como se tivesse reprimido todas as manifestações vitais, assim como as dos companheiros, exceto o andar dos seus pés. Desta forma, a viagem é como um silencioso andar através do indeterminado e do provisório, uma contenção do fôlego, um acontecimento que não tem presente e que está alojado entre o que passou e o que vai acontecer, como uma duração não preenchida, que é, todavia, medida: três dias! (ZABATIERO E LEONEL, 2001, p.114 citando AUERBACH, 1998, p.7)

De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), o comentário de Auerbach (1998), pode ser compreendido como uma concepção de “segundo plano”, ou seja, todos os mecanismos que o narrador utilizou, foram selecionados com um objetivo - deixar o leitor livre em sua interpretação.

Ao referir-se à “lentidão e rapidez” de narrativas, os autores iniciam sua discussão com uma citação de Umberto Eco que nos diz:

[...] qualquer narrativa de ficção [e a Bíblica também, acrescento] é necessariamente e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, o [narrador] não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. [...] Que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo que o receptor deve compreender – não terminaria nunca (ZABATIERO E LEONEL, 2011, p. 115)

Para Zabatiero e Leonel (2011), a rapidez ocorre com base nas questões de comunicação entre “autor/narrador e o primeiro leitor”. O primeiro pressupõe que o último já detém as informações necessárias sobre o que está escrito e não vê a necessidade de detalhá-las na narrativa. Entretanto, os autores afirmam que, ao fazer essa citação, Umberto Eco se reporta ao fato da ‘estratégia narrativa de aceleração textual’, conforme os autores, sua contribuição se detém aos aspectos do segundo plano. Zabatiero e Leonel (2011) asseveram que a rapidez cumpre dois objetivos em uma narrativa: adiantar o tempo na narração; como exemplo, os autores citam as genealogias que não apresentam detalhes da personagem que se fala se detendo apenas ao seu nome. O último objetivo é tornar a narrativa dinâmica, e, como exemplo, os autores citam o percurso feito por Dan Brown no livro *O código da Vinci*. Os autores observam que essa forma de escrita pode tornar a narrativa ‘superficial’. Ao referirem-se à lentidão, os autores afirmam que, ao se utilizar dela, o objetivo é trazer um drama no percurso narrativo antes do clímax. Zabatiero e Leonel (2011) exemplificam essa afirmação com o livro de Apocalipse. Os autores afirmam que:

Na introdução, é dito que o livro é “Revelação de Jesus Cristo [...] para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer [...]” (1,1). Portanto, quando na sequência se espera o início das revelações, surge a dedicatória às sete igrejas da Ásia (1,4-8) e em seguida a descrição do Filho do Homem (1,13-20). Na continuação, é descrito o que virá? Não, são introduzidas as cartas às sete igrejas (cp. 2-3). Nos capítulos 4 e 5 há outra cena, celestial, com a visão da assembleia dos anciãos, do trono divino e do Cordeiro. Agora vem o fim? Novamente, não. No capítulo 6, começa a abertura dos sete selos do livro que está nas mãos do Cordeiro. Bem, com o sétimo surgirá a cena final, pensamos. Engano, após o sétimo, em lugar do final, surge a “primeira” trombeta, e assim por diante. A lentidão gera clima e tensão na leitura do Apocalipse. (ZABATIERO e LEONEL 2011, p. 117)

De acordo com os autores, a lentidão proporciona ao leitor a reflexão do texto e liberdade em sua interpretação.

Acerca do tempo, no tópico anterior, os autores discutem sobre esse aspecto no que tange à cronologia, atendo-se ao tempo psicológico. De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), esse tempo é o tempo que se utiliza para apresentar aspectos da personalidade da personagem, como por exemplo: o que elas sentem, planejamentos que fazem ou o que elas

pensam. De acordo com os autores, esse é um dos mecanismos nos quais, os leitores têm a oportunidade de conhecer melhor as personagens, momento no qual o narrador apresenta sua onisciência na narrativa. Os autores utilizam como exemplo Mateus 1.20-21. Esse versículo apresenta o sonho tido por José referente à gravidez de Maria para que ele não a abandone por ter sido escolhida como a mãe do Salvador. Zabatiero e Leonel (2011) concluem que o tempo dessa ocorrência nem sempre se revela aos leitores, podendo também aparecer de forma secreta.

No que se refere ao cenário, Zabatiero e Leonel (2011) discutem que esse cumpre duas funções: a primeira é a delimitação do território, local onde acontece a narrativa. Os autores acrescentam que, para narrativas com mais liberdade, o cenário fica a cargo do leitor ou pode até não existir, no entanto, ao tratar-se do cenário na contextualização bíblica, este vai se referir aos aspectos históricos. A última função cumprida pelo cenário é que esse colabora na escrita da narrativa se colocando como um item ‘poiético’. Os autores citam como exemplo Mateus 2.1-12.

Aqui se apresenta a tensão entre Jerusalém, como lugar onde estão Herodes, os religiosos e toda população, os quais temem a chegada da criança, e Belém, onde se encontra o nenê com seus pais, e para onde os magos são guiados pela estrela. Com isso, estabelece-se uma tensão entre Jerusalém, o lugar da oposição, e Belém, o lugar da aceitação e acolhimento. Convém perceber que essa função extrapola em muito o mero referencial histórico que tais cidades evocam. (ZABATIERO e LEONEL 2011 p. 120)

Podemos visualizar no exemplo o que Zabatiero e Leonel (2011) afirmam acerca do cenário, Jerusalém como o local que ocorre toda disseminação da chegada de Jesus, como também Belém, local em que ele nasce.

Acerca das personagens, Zabatiero e Leonel (2011) afirmam que, as personagens são de suma importância na construção de uma narrativa. Elas podem ser constituídas como heróis ou anti-heróis. De acordo com os autores, essa constituição pode ser visualizada a partir do desenrolar da história. Os autores apresentam Jesus Cristo como exemplo de herói no contexto bíblico e chamam a atenção para Saul, que é apresentado aos leitores no livro de Samuel ‘como herói’; posteriormente, a narrativa o apresenta com traços de anti-herói ao se rebelar contra as leis divinas. Outra personagem apresentada pelos pesquisadores é Jacó – apresentado como alguém trapaceiro e que, no decorrer da história, colhe aquilo que plantou: foi enganado pelo sogro ao firmar compromisso para se relacionar com a filha mais velha e lhe é dada a mais nova, no entanto, a narrativa o apresenta mais a frente como alguém

arrependido por seus atos e lutando com as forças divinas por sua regeneração, e finalmente, os escritores apresentam Davi, inicialmente como um herói por ter sido escolhido como rei de Israel, mas depois como anti-herói por ter se envolvido com a esposa de um de seus soldados (2 Samuel 11-12)

Zabatiero e Leonel (2011) concluem que, em uma narrativa, é interessante perceber o que o narrador tem ao seu dispor para constituição de cada personagem, diferenciando por sua vez todas as personagens inseridas na escrita e a atuação de cada uma delas, seja herói ou vilão.

1.3 A Bíblia e sua diversidade de estudos

A Bíblia tem sido estudada em diversos aspectos: teológicos, culturais, linguísticos, literários e históricos. Sabemos da relevância dos aspectos da tradução e de sua contribuição oferecida ao longo dos séculos. A seguir, serão apresentadas algumas dessas interfaces.

1.3.1 A Bíblia e os Estudos da Tradução

De acordo com Batalha (2007), a tradução em sua origem vivenciou o duelo da dicotomia contrastante das formas de traduzir: a tradução com liberdade por parte de quem a traduz ou presa ao texto fonte. Batalha, em seu trabalho, aponta Jerônimo como precursor dessa dualidade e sua bíblia Vulgata por volta do século 347-420 d.C. Segundo Batalha (2007), Jerônimo utilizava a primeira forma de traduzir para tradução de textos literários e a segunda para textos sagrados. Para Jerônimo, para aqueles que têm a sua crença fundamentada no Deus dos hebreus, fugir da forma do texto fonte seria ‘trair’ a originalidade do que se desejava comunicar.

Considerando ainda os aspectos tradutórios com base nos textos bíblicos, Oustinoff (2011), afirma que não se pode falar em tradução sem mencionar esses textos, independente do credo religioso a que se pertença. Segundo o autor, não há outro texto que seja tão traduzido quanto a Bíblia. Oustinoff (2011), discute a questão da supremacia de cada língua para qual a Bíblia foi traduzida ao longo dos séculos, elencando o grego como marco referindo-se à tradução dos evangelhos. De acordo com Oustinoff (2011), três aspectos foram importantes nessa modalidade tradutória. O primeiro deles: a comunicação entre os povos - é destacado as funções ocupadas pelos intérpretes à época. O segundo aspecto nessa

modalidade é a língua em si, o conhecimento que o tradutor deve possuir e as estratégias que pode utilizar no processo. E, finalmente, a última, que o autor apresenta como a ‘pluralidade’ dos textos bíblicos que foram traduzidos e a complexidade que se tem ao traduzir esse tipo de texto, pois, para Oustinoff (2011), ‘traduzir é forçosamente trair’. Ele chega a esta conclusão refletindo acerca do Corão, pois, para os mulçumanos a leitura desse texto deve ser feita em seu texto fonte, independente do conhecimento linguístico.

1.3.2 A Bíblia e a Literatura

A Bíblia, por muito tempo, foi investigada apenas nas áreas teológica e histórica. No entanto, os aspectos literários também se abrem para esses textos.

De acordo com Gabel e Wheeler (1993), conceber a Bíblia enquanto literatura não significa armar um conflito com aqueles que a têm como regra para sua vida, mas significa reconhecê-la como um produto que foi escrito por pessoas que detinham um modo de vida comum, ou seja, pessoas que tinham sua vida social estabelecida e que possuíam as habilidades necessárias para que este compêndio tivesse origem, assim como outros livros escritos por seus autores.

Gabel e Wheeler (1993) afirmam que, para entender a Bíblia na perspectiva literária, não se faz necessário requisito, no entanto, a pessoa, ao fazer essa escolha, precisa delimitá-la para que não haja constrangimento por parte de quem a estuda. Os autores consideram que:

Quaisquer que sejam as nossas crenças religiosas, a Bíblia é o legado comum de todos nós, e deveríamos ser capazes de estudá-la até certo ponto, sem entrar em controvérsia religiosa. Mais tarde - em outro contexto -, quem preferir poderá voltar a considerar a Bíblia um repositório da verdade religiosa. O importante é saber o que se faz, explicitar a nossa escolha e segui-la de modo consistente.” (GABEL e WHEELER 1993 p. 17)

Para Gabel e Wheeler (1993), a Bíblia possui fundamentos comparados a grandes clássicos literários, a saber, Shakespeare, Emily Dickinson, Henry Fielding e Ernest Hemingway. Os autores afirmam que, se parássemos para investigar os clássicos citados, não haveria a necessidade de fazer menção deles enquanto literatura, porque eles já são concebidos como tal. No entanto, conforme os autores, além das concepções históricas que se tem sobre a Bíblia, existem, também, as concepções sobre item sagrado. Segundo Gabel e Wheeler (1993), para milhões de pessoas, a Bíblia é algo de muito valor, chegando a ocupar

um espaço singular nas residências pela crença de que através de sua materialidade, benesses venham aquele lar. Nesse aspecto, os autores discutem que, de igual modo, os clássicos já citados, poderiam, também, ocupar esse espaço, entretanto, este mesmo tratamento não é dado aos clássicos aqui referidos. A esses, não são feitas perguntas acerca da salvação: nem por aqueles que têm a Bíblia como regra de fé e nem por aqueles que não acreditam nela. Os autores discutem que não é o fato de se dizer apenas, que a Bíblia é considerada literatura, mas também continuar as investigações procurando evidenciar que “a Bíblia, como literatura, pertence a mesma categoria de todos esses espécimes de escritura”. Gabel e Wheeler (1993, p.18). Os autores explicitam em seu trabalho a classificação da literatura em dois âmbitos: o geral e o específico. De acordo com Gabel e Wheeler (1993, p.18), a Bíblia é constituída enquanto literatura nesse primeiro, devido à sua diversidade de conteúdos, a saber,

[...] genealogias, leis, epístolas, decretos reais, instruções para construção, orações, sabedoria proverbial, mensagens proféticas, narrativas históricas, relações tribais, dados de arquivo, regulamentos rituais e outros tipos de material mais difíceis de classificar.”

No que se refere ao último, volta-se para a classificação de literatura enquanto *belles lettrés*, isto é, poesia, contos, romances, peças teatrais, ensaios. Gabel e Wheeler (1993, p.18). Nesta especificidade, encontram-se as demais obras literárias existentes.

Posteriormente a esta classificação, Gabel e Wheeler (1993) discutem acerca do processo escrito da Bíblia, evidenciando a diferença específica desse processo entre esta e outras obras literárias.

Segundo Gabel e Wheeler (1993), o processo escrito da Bíblia revela um ‘tema’, que se distingue de um objeto. Para Gabel e Wheeler (1993), objetos podem ser conceituados como algo que existe por si próprio, não se trata de algo puramente concreto: “[...] objetos podem ser ideias, eventos e até possibilidade – mas existem lá fora.” (GABEL e WHEELER, 1993 p.19). No que se refere ao tema, de acordo com os autores, este se opõe ao objeto, pois, trata-se de algo inerente ao autor, ou seja, é uma expressão daquilo que ele deseja comunicar. De acordo com Gabel e Wheeler (1993, p. 19),

[...] pode ser um impulso ou fantasia particulares sem referência à realidade objetiva ou referir-se a uma coisa sólida, tangível e consensual como o Templo de Salomão. Isso não importa, toda comunicação acerca do Templo requer que esse objeto antes de tudo entre na mente do autor como um conjunto de percepções. Essas percepções são modificadas pelo ponto de vista e pelas experiências passadas individuais do autor, e quando se manifestam, passaram por uma transformação adicional, visto terem agora a forma de palavras, e não de pedras de cimento. Que nos dizem essas

palavras? Elas não contam necessariamente o que o Templo de fato foi, embora esse possa ser o seu propósito aparente, mas dizem em vez disso, o que o autor pensava sobre o Templo e desejava que os leitores pensassem sobre ele. Nesse contexto, as perguntas apropriadas nada têm a ver com a correspondência entre as palavras e a realidade objetiva, mas sim entre elas e seu propósito e efeitos como artifícios literários. Que o autor tentava realizar? Como fez isso? Os meios eram adequados a esse fim? Que poderemos aprender ao observar esse autor em ação?

De acordo com os autores, de forma ilustrativa, eles apresentam uma breve análise acerca da composição literária na Bíblia, especificamente no livro de Gênesis (a criação do mundo) e Atos dos apóstolos (o discurso de Estevão) apresentando como funcionam o objeto e tema anteriormente discutidos, mantendo a relevância no que tange ao tema.

Quanto ao Gênesis, Gabel e Wheeler (1993) relatam que fazer questionamentos sobre o objeto é algo inconcebível por ser algo que não se pode concretizar – não se tem como voltar a milhões de anos e acompanhar este acontecimento. No entanto, as reflexões voltadas ao tema acrescentam sentido à investigação, pois estas, são intrínsecas ao autor que concebe o texto. Como perguntas relacionadas ao tema, eles apresentam: interpelações minuciosas acerca da Criação do mundo, a criação utilizando a forma enunciativa ‘Faça-se’, a origem do sol e lua posteriormente à terra, e a conclusão de cada criação de forma avaliativa e julgadora. Os pesquisadores destacam que essa forma de análise nos permite adentrar às composições voltadas ao que o autor pretendia comunicar. Com base nessa análise, Gabel e Wheeler (1993) afirmam que a partir desses aspectos é possível perceber as concepções voltadas aos aspectos divinos e criacionais escritos pelos autores.

Ao referirem-se ao discurso de Estevão, em Atos dos Apóstolos, Gabel e Wheeler (1993) afirmam que, como considerado anteriormente, é relevante manter a análise da composição literária bíblica enquanto tema, pois como já foi citado, as interpelações no que concerne à questão do objeto, não fará com que o analista chegue a lugar nenhum. Para isso, eles relatam que o discurso de Estevão, para além da contextualização cristã, trata-se de uma ‘composição literária’ de forma concatenada e reconhecida como um dos aspectos da homilética. Segundo os teóricos, a autoria deste discurso é atribuída a Lucas, pois naquele período quem geralmente fazia esse trabalho eram os historiadores, considerando a tradição oral, e nesta, segundo os autores a seleção de palavras eram feitas por eles próprios.

Para Gabel e Wheeler (1993), a narrativa histórica é um dos modos reconhecido pelos judeus. De acordo com os autores, os judeus não possuem uma ‘crença’ fundamentada na qual

os participantes se convençam daquilo que está posto. Conforme Gabel e Wheeler (1993, p. 20).

[...] essa função é assumida pela narrativa histórica: um resumo da relação de aliança entre os judeus e Deus, concentrada nos pontos altos do passado judaico. Ela pode ser longa e detalhada, como no nosso exemplo, ou bem curta, como em Deuteronômio 26, 5-9 (“Meu pai era um arameu errante...”)

Portanto, Gabel e Wheeler (1993) concluem que a perspectiva do seu trabalho não se detém a investigar os pormenores do discurso de Estevão em si, mas dar visibilidade à prática de Lucas enquanto narrador, objetivando com sua escrita atingir a um público diferente daquele a quem Estevão escreveu.

Os estudos da Bíblia enquanto literatura também veem sendo investigados por pesquisadores que se ocupam da construção de narrativa, como se segue abaixo:

Zabatiero e Leonel (2011) discutem como a Bíblia pode ser estudada em uma perspectiva literária e afirma que a forma originária de leitura bíblica por aqueles que a têm apenas como texto sagrado foi o que fez com que seus estudos permanecessem nesse limite. Partindo de uma corrente centrada nos aspectos da construção narrativa como, por exemplo, a *mimesis* e *poiesis*, nas quais, Zabatiero e Leonel (2011, p.21) reconhecem que: [...] “Central para isso é o reconhecimento da literatura enquanto *mimesis*, ou seja, imitação e representação da realidade, e como *poiesis*, isto é, como uma criação e transformação da realidade”. O autor, citando Alter (1998), critica a forma de leitura, enquanto texto sagrado, devido à falta de abertura para a perspectiva literária:

O único motivo óbvio para a ausência por tanto tempo de interesse literário acadêmico pela Bíblia é que, em contraste com a literatura grega e latina, a Bíblia foi considerada durante muitos séculos, tanto por cristãos quanto por judeus, a fonte unitária e primária da verdade de [*sic*] revelação divina (ZABATIERO 2011 p. 20 citando Alter 1998, p.16).

De acordo com o autor, de forma mais predominante no contexto social, a Bíblia vem sendo reconhecida desde sua origem como um texto sagrado. No entanto, conforme Zabatiero e Leonel (2011), não se faz necessário excluir essa forma para aqueles que assim a percebem, que esta modalidade seja mantida por aqueles que participam de grupos ou instituições em suas vidas privadas. O autor reconhece que a falta de abertura para estudo do texto bíblico em outras categorias interpretativas o tornou diferente do estilo oriental deixando de ser analisado

em outras contextualizações. Zabatiero e Leonel (2011) afirmam que há uma falta de entendimento por parte dos que defendem a Bíblia apenas enquanto regimento para sua vida, pois, estes deixam de estudá-la em todo seu aspecto textual.

Ao referir-se aos aspectos de um texto, Zabatiero e Leonel (2011) afirma em sua investigação que

[...] O processo de acesso a uma realidade do passado através da literatura é mediado por alguém que escreve sobre tal situação, expressando seu modo de vê-la ou determinado ângulo de entendimento. Quanto a isso não é necessário o estranhamento, visto que a ideia de inspiração ajuda-nos a entender a questão, pois é exatamente por ela que Deus orientou os escritores bíblicos a escreverem manifestando aquilo que seria sua vontade (ZABATIERO e LEONEL 2011 p. 21)

Zabatiero e Leonel (2011) apontam, dessa forma, que cada pessoa exprime em seu texto o que lhe é concebido em sua forma de entender a realidade que lhe é colocada. Por isso o autor entende que, no ato da leitura, o leitor não passa simplesmente a conhecer uma narrativa, seja esta, histórica ou de ficção, mas mantém com o texto um vínculo dialético, “sofrendo sua influência, e ao mesmo tempo, contribuindo com sua percepção particular de leitor sobre o conteúdo” (ZABATIERO e LEONEL 2011, p. 22).

De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), o vocábulo Bíblia vem do grego *ta Biblia* que significa livros. Zabatiero e Leonel (2011) afirma que a Bíblia é composta por uma variedade de livros escritos em momentos distintos e com ‘estilos’ variados. “Há poesias, textos legais, oráculos, ditos sapienciais, cartas narrativas e textos apocalípticos criando um agrupamento multiforme de gêneros literários”. (ZABATIERO e LEONEL 2011, p19).

Zabatiero e Leonel (2011), portanto, concluem que abordagem literária e abordagem sagrada podem transitar juntas, no entanto, deve haver entendimento por parte de quem as analisa. Como bem aponta o autor, elas se complementam devido ao caráter de investigação das categorias literárias, pois antes da Bíblia ser reconhecida como texto sagrado, conforme o autor, é sobretudo um texto literário. Não se está afirmando aqui que a Bíblia faz parte do cânone da literatura brasileira ou mundial, mas sim, que ela pode ser lida de uma forma literária. De acordo com Mazzola (2015, p.31) citando Perrone-Moisés,⁶ (1998, p.61), “a palavra cânone vem do grego *kanón*, através do latim *Canon*, e significa regra. Com o passar

⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares

1.3.4 A Bíblia e a perspectiva histórica

Ao referir-se à perspectiva crítica-histórica, Zabatiero e Leonel (2011) criticam a forma original de estudo que foi feita por meio de documentos ‘críticos-históricos’. Segundo os autores, essa perspectiva surgiu pelo excesso de sacralidade no qual as pessoas estudavam a Bíblia. Zabatiero e Leonel (2011) questionam que essa forma de investigação possa estar relacionada ao Iluminismo e sua influência sobre a vida das pessoas. Esse período de estudos bíblicos nesse ínterim foi um período no qual as pessoas dariam credibilidade se houvesse documentos antigos para que houvesse comprovação por meio de ‘relatos’ sobre o texto.

1.3.5 A Bíblia e a perspectiva teológica

Os estudos teológicos constituem-se como um dos mais relevantes para aqueles que têm sua fé calcada nos princípios que estão descritos na Bíblia. De acordo com Geisler e Nix (2006), a Bíblia é um dos livros mais reconhecidos da história da humanidade, além de ser reverenciado por aqueles que o têm como sagrado. Geisler e Nix (2006) afirmam que, além de ser um dos mais traduzidos, esse livro é considerado um livro de influência ao longo dos séculos. De acordo com os autores, o vocábulo Bíblia (Livro) chegou ao contexto linguístico através do francês, originado antes pelo latim *biblia* arraigado no grego *biblos*. Geisler e Nix (2006) afirmam ainda que, sua divisão é composta de Antigo e Novo Testamento. O primeiro, de acordo com os autores, tem como escritores alguns judeus, no que se refere ao segundo, sua escritura foi feita pelos discípulos de Jesus. Geisler e Nix (2006) afirmam que o vocábulo testamento, traduzido por “aliança” originário do hebraico e grego, apresenta como significado “pacto” ou “acordo”, ou seja, para Geisler e Nix (2006), um acordo em dois tempos distintos: Deus e os judeus, Deus e os cristãos.

1.4 Os evangelhos no Novo Testamento

De acordo com Radmacher (2010), os evangelhos se diferenciam de outras literaturas antigas. O autor argumenta que

[...] Eles não são uma biografia de Cristo; um relato minucioso que visa oferecer uma compreensão global da vida de Jesus, de Seus relacionamentos ou de Suas

dimensões mentais e psicológicas. Tampouco são histórias de feitos heroicos ou coleções de citações famosas, apesar de algum conteúdo deste tipo ser encontrado em passagens dos Evangelhos. Os quatro Evangelhos aparentemente se apresentam como um novo gênero, distinto de todas as outras categorias. Neles, as passagens acerca da vida, das obras e das palavras de Jesus apontam para a essência da pregação: a obra redentora de Deus por intermédio de Cristo. Assim, os Evangelhos são as boas notícias de Deus manifestas na vida, no ministério, na morte, no sepultamento, na ressurreição e na ascensão de Jesus Cristo. (RADMACHER, 2010 p xvii)

Para Zabatiero e Leonel (2011), os evangelhos podem ser vistos em três perspectivas, sendo a primeira dessas, “um gênero” peculiar para aqueles que se declaram cristãos sem vincular-se com “gêneros da antiguidade”; a segunda, a visibilidade que se tem da obra como um compêndio de “leituras” devocionais; e a terceira pode ser vista com um olhar mais clássico, ou seja, como um tipo de “biografia greco-romana”.

Zabatiero e Leonel (2011) acrescentam, ainda, que os evangelhos lançam Jesus como uma personagem central, retirando o narrador de cena, permitindo que ele atue de forma principal durante toda narrativa. De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), existe a necessidade de um narrador em uma construção textual. Eles são inseridos no texto em uma função de destaque, e essa função se divide em: “protagonista” ou “antagonista”. O primeiro destes estará sempre em relevo perante os outros que surgirem. Zabatiero e Leonel (2011) afirmam em seu trabalho que Jesus se constitui como uma forma clássica de “protagonista herói”. O autor ainda acrescenta que toda contextualização para o acontecimento da história, vai girar em torno dele e que outras personagens podem ganhar destaque, desde que tenham um vínculo com o principal.

Zabatiero e Leonel (2011), ressaltam que os séculos XIX e XX foram os séculos nos quais, os pesquisadores passaram a investigar “os evangelhos como biografias de Jesus Cristo”, um estudo em um caráter mais histórico. *1.4.1 O evangelho de Mateus*

De acordo com Radmacher (2010), o evangelho de Mateus é traçado por quatro objetivos: apresentar a não aceitação de Cristo pelos judeus, a inclusão de um novo povo ao reino (os gentios), as recomendações de Cristo para seus seguidores e finalmente, os principais discursos feitos por Jesus. Datado entre 50 e 60 d.C, de acordo com o autor, Mateus é apresentado como “discípulo de Jesus” e atuava como coletor de impostos. O autor afirma que este é um dos motivos pelos quais, no evangelho de Mateus, há tanta alusão ao dinheiro.

Radmacher (2010), afirma que, Mateus relata os feitos de Cristo em seu evangelho, anunciando-o inicialmente como pertencente à linhagem judaica em sua genealogia. No capítulo 1, Jesus é referido como filho de Davi certificando sua sucessão ao trono eterno. No entanto, Radmacher (2010), afirma que, chegar a ser rei apresentava muitas preocupações. O autor exemplifica essa atuação apontando sucessores reais que não tiveram êxito em seu reinado, como Roboão que sucedeu seu pai, Salomão, e perdeu parte de seu reino para alguém que lhe traiu. O autor também menciona a tentativa feita por Absalão filho de Davi, que tentou tirá-lo do trono ainda em vida. Dessa forma, Radmacher (2010) justifica que não foi fácil nem para Jesus que era apontado como o “Rei dos reis”, no entanto, o reinado dele configurava-se como um reinado distinto do reinado terreno.

Ao referir-se ao evangelho de Mateus, Zabatiero e Leonel (2011), consideram o gênero deste evangelho como biografia greco-romana, demonstrando a visibilidade de Jesus como ‘protagonista’ da narrativa. Nesta, de acordo com Zabatiero e Leonel (2011), o narrador tem como objetivo a persuasão dos leitores ao texto. O autor reconhece em seu trabalho, a influência da cultura grega na compilação da narrativa.

Zabatiero e Leonel (2011p. 43) afirmam que:

Para a identificação do contexto em que foi produzido o evangelho, convém reconhecer que ele não é um texto atemporal. O texto surgiu em um tempo e local que, embora não possam ser definidos com exatidão, podem pelo menos ser indicados de modo aproximado, ou seja, foi escrito por volta dos anos 85 d.C. para um agrupamento de comunidades cristãs distribuídas em uma região que tem como ponto de referência o Sul da Galiléia, e estende-se ao norte, até a Antioquia da Síria. Escrito em grego Koiné⁷ para leitores da parte oriental do Império Romano, os elementos contidos no texto indicam as influências e expectativas do autor e dos leitores desse período e da região.

Dessa forma, de acordo com Zabatiero e Leonel (2011), os evangelhos foram escritos em um contexto no qual a presença dos gregos foi primordial na concepção deste gênero. O autor compreende que nesta época, “a biografia greco-romana” era uma das formas conhecidas e utilizadas para indivíduos de destaque. Zabatiero e Leonel (2011) afirmam que como gênero literário, a biografia foi uma forma através da qual o helenismo atribuiu importância à personalidade em sua individualidade, e para além, de relatos feitos no gênero,

⁷ Koiné = comum, Forma simplificada do grego clássico, surgida no período helênico, fruto do contato entre grego e povos conquistados.

as biografias constituíram-se também como padrões nos quais, as pessoas poderiam seguir. Ainda de acordo com Zabatiero e Leonel (2011 p.50) no que concerne ao Império Romano:

A biografia focou a relação entre a vida e a morte, sendo seu protagonista o sábio, o mártir, o santo, o rei, o escritor e o filósofo. Tais homens eram exemplos não apenas do modo como se deveria viver, mas também de como encarar a morte. Burridge atribui aos seguintes elementos a predisposição romana em produzir biografias: “a preocupação com detalhes; o respeito aos ancestrais e à tradição familiar; a necessidade de honra pública. Todos esses elementos levaram à criação de uma tradição própria sobre a biografia”.

Zabatiero e Leonel (2011) acrescentam em seu trabalho que um momento interessante para a biografia greco-romana foi um período no qual os escritos de Tácito, Plutarco e Suetônio ganharam destaque. Esse foi um período pós-escritura dos “evangelhos canônicos”. Segundo Zabatiero e Leonel (2011), as biografias cumpriram um papel importante na afirmação da personagem central e nesse papel, o servir como exemplo para aqueles que a liam ou advogar acerca da personagem principal quando houvesse qualquer argumento contrário sobre ele.

De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), não há um consenso para se definir a biografia greco-romana. O autor aponta que o que pode mostrar a diferença são as evidências acerca de sua escritura e não sua sustentação em uma determinada teoria. O autor cita Plutarco em seu trabalho e afirma que até as declarações mais antigas não definem claramente o que é uma biografia.

Zabatiero e Leonel (2011 p.52) afirmam

[...]mesmo que, por definição, a biografia tematize a vida de uma pessoa, os diversos tipos demandavam tratamento diferenciado. O relato da vida de um filósofo tomaria um rumo diferente daquele proposto na biografia de um poeta: a descrição de um rei traria elementos que poderiam não manifestar na *bios* de um general. Do mesmo modo, biografar pessoas que viveram há muito tempo apresentaria um grau de dificuldade diferenciado daquele proposto quando se escrevia sobre um contemporâneo.

Dessa forma, o autor apresenta sete traços acerca da biografia greco-romana, o primeiro destes retrata a personagem como alguém que ocupe alguma posição privilegiada, como exemplo, “reis, generais, filósofos, figuras literárias, legisladores e santos”, e como foco biográfico: “a essência da pessoa” e esta, relaciona-se ao “caráter do biografado”, ou seja, havia uma seleção do que se escreveria acerca da pessoa. O segundo traço se dá no que seria escrito acerca do biografado formando-se de dados que até poderiam não apresentar alguma

“importância”. O terceiro traço constitui-se do fato de não se dá tanta importância a descrever o ciclo vital do biografado. Como apresentam Zabatiero e Leonel (2011), o objetivo era proposto no que tange à “vida adulta” da personagem. O quarto traço, segundo o autor, deixaria o leitor livre para se comportar de forma positiva ou negativa. Se o seu comportamento fosse influenciado pela primeira forma, resultaria no dia a dia como um padrão a ser seguido, já a última se conjectura como “pela exposição ao ridículo do biografado.” (ZABATIERO E LEONEL, 2011. p.55). O quinto traço, o autor explicita o caráter mitológico da biografia e menciona os escritos sobre “Rômulo por Plutarco; e de Augusto, por Suetônio.” (ZABATIERO e LEONEL, 2011, p.55). O sexto traço, o autor expõe a variedade na qual poderia ser construída a biografia, o autor apresenta como forma central a narrativa prosaica. E finalmente, o sétimo traço que se refere à: idealização que era construída da personagem central nas biografias, defesa da personagem se houvesse interpretações “equivocadas”, a descrença sobre o biografado e a direção com o objetivo de apresentar os rumos que a tradição ganhava no tempo que a biografia era escrita, e finalmente, servia ainda como um recurso hermenêutico no que tange à vida da personagem.

Ao analisar o evangelho de Mateus enquanto biografia, Zabatiero e Leonel (2011), citam Talbert (1988)⁸ e afirmam que o evangelista foi seletivo ao fazer a narrativa deste evangelho. Os autores consideram as aplicações sinóticas entre Mateus e Marcos e afirmam que é perceptível a exclusão de alguns versículos em sua narrativa que apresenta quinhentos e oito versículos quando havia seiscentos e sessenta e um. Destes, cento e cinquenta e três são omitidos. De acordo com os autores, o texto de Mateus sofre alterações consideráveis comparando-o com sua fonte que é o evangelho de Marcos. Zabatiero e Leonel (2011) explicitam a diferença entre a forma destes dois evangelhos ao discutirem que o evangelho de Mateus apresenta um propósito diferente do evangelho de Marcos e chega a compará-lo às biografias que se escreviam sobre os filósofos que eram escritas com um caráter propagandístico sobre seus ensinamentos e os que se ensinavam em sua “escola”. De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), as evidências deste gênero em Mateus, apresenta como evidências: as questões originárias do biografado, como também a composição apresentada a presença de elementos mitológicos, com a interferência de deuses ou semideuses junto a

⁸ TALBERT, Charles H. Biography, Ancient. In: FREEDMAN, David Noel (Ed.) The Anchor Bible Dictionary. Nova York: Doubleday, v.1, 1992, p. 745-749.

criança (ZABATIERO e LEONEL 2011p. 58 citando BERGER, 1998, P.315). Como exemplo apresentado, o autor explicita o acompanhamento do anjo na vida de José impedindo-o de abandonar Maria em sua gestação.

Diante das afirmações feitas por Zabatiero e Leonel (2011) pode-se refletir o quanto é relevante observar um texto para além do caráter devocional, ou seja, observá-lo em um caráter biográfico, considerando sua riqueza em detalhes nas ações e constituições discursivas arquitetadas pelos narradores e personagens controladas por eles, como também perscrutar os objetivos delimitados para a escrita de cada um deles.

1.4.2 O evangelho de Marcos

Acerca do evangelho de Marcos, Radmacher (2010) afirma que, este diferentemente de Mateus apresenta uma narrativa com um teor mais aplicativo através de seus questionamentos retóricos. O autor argumenta ainda que Marcos utiliza o uso do presente do indicativo em seus escritos e o produz em uma perspectiva de caráter mais comunicativo e persuasivo como se fosse um profissional objetivando convencer seus interlocutores. De acordo com Radmacher (2010), este evangelista não apresenta tanta familiaridade com o conhecimento judaico e seu evangelho foi escrito como uma forma de fortalecimento aos cristãos perseguidos por Roma.

De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), o evangelho de Marcos pode ser considerado como um escrito mitológico. Os autores discutem essa construção, afirmando que é possível esta percepção devido à constituição dessa narrativa, que se faz mais no âmbito memorável que no histórico. Os autores, citando Halbwachs (1968), fazem a distinção entre memória coletiva e história: a primeira desta põe os aspectos memoráveis como algo originário e que não se detém aos tempos, mas aos fatos que interessam ao coletivo. Já a segunda além dos construtos relacionados aos aspectos da memória coletiva, faz as marcações necessárias nas ordens dos tempos. No entanto, para os autores, essas duas formas não se contrapõem, mas sim, oferecem sua contribuição à sociedade dentro de suas perspectivas. Zabatiero e Leonel (2011) afirmam que o livro de Marcos apresenta traços da “memória coletiva” nos cristãos originários. Zabatiero e Leonel (2011) explanam acerca do evangelho de Marcos apresentando-o como um livro que se concentra nas abordagens acerca dos cristãos

que criam que Jesus era o Messias como também aqueles que não criam nesta afirmação, ou seja, o evangelho de Marcos apresenta aspectos da formação identitária de um povo. De acordo com (Zabatiero e Leonel 2011 citando Silva 2000, p.96s):

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato [...] a identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental [...] podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Zabatiero e Leonel (2011) afirmam que para além dos aspectos identitários, o evangelho de Marcos apresenta também em sua construção a relação daqueles que seguiam Jesus com aqueles que faziam parte do Império Romano, no entanto, havia distinção entre a atuação de Jesus e os Imperadores. Acerca da consideração do evangelho como gênero textual, ele é percebido como algo novo para o cristianismo e que esse fato também faz parte dos aspectos identitários devido aos dois grupos existentes: os que seguiam a Jesus por acreditarem que ele era o Messias proferido no livro de Isaías e os que não o seguiam, pois aguardavam a sua vinda como um rei no seu caráter físico que viesse para governar aquele local.

Portanto os autores ao discutirem as questões identitárias que participam da inauguração dos evangelhos enquanto gênero textual chega a constituir-los como “uma novidade cristã”. Zabatiero e Leonel (2011, p. 191) concordam com a afirmação feita por Bakhtin ao argumentar que: “gênero é pensado como um evento recorrente de comunicação em que uma determinada atividade humana, envolvendo papéis e relações sociais, é mediada pela linguagem”.

1.4.3 O evangelho de Lucas

De acordo com Radmacher (2010), Lucas é apresentado como médico e foi um homem dotado de conhecimento no mundo antigo. Ele não conviveu com Cristo, mas o conheceu e tornou-se um dos seus seguidores, propagando assim seus feitos para a humanidade. Radmacher acrescenta ainda que, o evangelista concentra seus escritos para

abordar a forma como Jesus se relacionava com a nação e os líderes de Israel, a rejeição de Jesus pelos judeus e também o objetivo divino de apresentar a Cristo como salvador do mundo.

De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), na perspectiva da semiótica greimasiana, o vocábulo narrativo pode apresentar duas distinções: a primeira volta-se para os aspectos dos gêneros textuais de forma diversa e peculiar enquanto a segunda volta-se para os aspectos relacionados à construção feita nas relações humanas.

No que se refere à investigação do texto de Lucas, nos capítulos 1 e 2, o pesquisador apresenta dois aspectos nas construções de narrativas. O primeiro destes é que os aspectos narrativos surgem como um fator capaz de alterar “estados, situações, que partem de um agente que atua na sociedade na perspectiva de imprimir determinados “valores” em seu alvo. No que se refere ao segundo, os aspectos narrativos apresentam-se como uma quebra de protocolos entre autor e receptor.

Zabatiero e Leonel (2011), discutem a visão semiótica nos escritos dos aspectos narrativos apresentando como foco a construção do sentido nos aspectos social e psicossocial.

O pesquisador analisa em seu trabalho os versículos iniciais do capítulo 1 do evangelho de Lucas:

Visto que muitos já tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós – conforme no-lo transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da palavra – a mim também pareceu conveniente, após acurada investigação de tudo desde o princípio, escrever-te de modo ordenado, ilustre Teófilo, para que verifiques a solidez dos ensinamentos que recebestes (Lc 1,1-4; BÍBLIA de Jerusalém).

Zabatiero e Leonel (2011) analisam se a estrutura dessa citação bíblica pode corresponder ao que se faria em um texto do grego clássico ou ao contexto judaico. A condição de vínculo ao grego clássico, segundo o pesquisador seria no tocante a quem ele se destina, o narrador se utiliza de uma forma grega (Teófilo), no entanto, Zabatiero e Leonel (2011), também parte para outra afirmação ao refletir que gregos e judeus dividiam o espaço de forma bem próximas.

De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), o evangelho de Lucas constitui-se como uma “obra científico-histórica”. Os autores afirmam que esta narrativa não corresponde às

estruturas mais modernas dos aspectos científicos e historiográficos, mas correspondeu à época ao que se esperava (Zabatiero e Leonel 2011, p.180), ou seja,

[...] Na sociedade em que o texto foi produzido e lido, a validade científica de um relato sobre fatos dependia de cumulativamente: acesso a testemunhas oculares, respeito à tradição, descrição pormenorizada e em ordem, investigação cuidadosa. O evangelho de Lucas, segundo o prólogo, preenche tais requisitos.

1.4.4 O evangelho de João

Radmacher (2010), descreve o evangelho de João como o evangelho que tem como objetivo: guiar as pessoas para a salvação. O autor considera este evangelho como o evangelho que apresenta mais aspectos da divindade de Jesus, estes aspectos tornam-se evidentes quando Jesus se auto representa como “a ressurreição e a vida”, “o caminho, a verdade e a vida”. De acordo com Radmacher (2010), além de divino no evangelho, Jesus se apresenta em humanidade plena. Radmacher (2010), afirma que, o autor deste evangelho não é referido pelo seu nome, mas “pelo discípulo a quem Jesus amava”. Por estas referências, é atribuído a ele a escritura deste evangelho.

De acordo com Gabel e Wheeler (1993), o evangelho de João se diferencia dos outros evangelhos até na forma de conceber o pensamento. Isso se conjectura desde o princípio. Para Gabel e Wheeler (1993), em João, a estrutura narrativa acerca de Cristo perdura por três anos, enquanto nos outros três evangelhos a estrutura narrativa dura por um ano, como outros detalhes em sua especificidade, como por exemplo, o número de visitas de Jesus a Jerusalém, como também atividades desenvolvidas por Jesus em locais diferentes – nos outros três evangelhos, as atividades se concentram em Jerusalém e neste, as atividades ocorrem na Galiléia.

Para além dessas especificidades, de um modo mais geral, segundo Gabel e Wheeler (1993), a narrativa Joanina apresenta Jesus como uma pessoa que está além do que se descreve nos outros três evangelhos. Os autores apontam que, Jesus Cristo passa a ser descrito como alguém que se autoavalia, alguém que interfere nos assuntos da comunidade local quando se mostra relevante. Para Gabel e Wheeler (1993), o Jesus que se descreve em João é um Jesus condicionado às diretrizes divinas e não se deixa levar pelo que as pessoas falam.

De acordo com os autores, Cristo começa a ganhar espaço e falar da missão a que veio, ainda que muitos não o compreendam. Gabel e Wheeler (1993) chamam a atenção para este comportamento da personagem, pois nos outros três evangelhos, o silêncio que é tido por Jesus apenas sendo descrito pelos narradores, aqui passa a inexistir devido à sua visibilidade social, se colocando em qualquer assunto que possa surgir.

CAPÍTULO 2- METODOLOGIA E CORPUS

2.1 Passos metodológicos

Esta seção contém os procedimentos metodológicos adotados para a execução desta pesquisa; para tal, utilizaram-se as ferramentas e os suportes encontrados na Linguística de *Corpus*, especialmente, por meio da anotação no corpus analisado e levantamento dos dados quantitativos.

Primeiramente, os evangelhos foram baixados via *internet* em formato PDF e, em seguida, convertidos em formato Word; formato no qual foram feitas as marcações com base na teoria estabelecida e no objeto de estudo delimitado. Após esse processo, o arquivo foi convertido em formato *txt* para que, então, pudesse ser explorado por meio da utilização do *AntConc 3.2.4*

As ocorrências de representação de Jesus foram anotadas de acordo com as categorias de van Leeuwen (1997) e Assis (2009) sobre RAS.

O levantamento dos dados quantitativos foi feito por meio da ferramenta computacional *AntConc 3.5.8* (ANTHONY, 2018), mais especificamente o *Concordance*. A tabela 1 apresenta o quantitativo de cada um dos evangelhos analisados.

Tabela 1 – Subcorpora analisados na pesquisa

Evangelhos	<i>Types</i> (Ocorrências) PT	<i>Types</i> (Ocorrências) ES	<i>Tokens</i> (Vocábulos) PT	<i>Tokens</i> (Vocábulos) ES
Mateus	964	984	2.830	2.960
Marcos	916	879	2.540	2.440
Lucas	1.081	1.062	3.260	3.170
João	1.101	1.038	3.730	3.590
Total	4.062	3.963	12.360	12.160

Fonte: dados da pesquisa

A tabela 1 expõe os dados de *types* (ocorrências) e *tokens* (vocabúlos) que existem no subcorpora analisados

2.1.2 Anotação do corpus

Esta subseção apresenta como a marcação do corpus em análise foi feita. O quadro 2 apresenta a grade de anotação com todos os códigos numéricos para cada tipo discursivo, como também para cada categoria e suas respectivas subcategorias (tipos de representações).

O quadro 2 apresenta a grade de anotação, na qual há cinco colunas: as quatro primeiras são independentes entre si. A última, todavia, subdivide-se em duas: os quatro primeiros tipos de representações são relacionados à *personalização*; os quatro últimos, por sua vez, à *impersonalização*.

A primeira coluna apresenta informações relativas aos dois subcorpora que são analisados neste estudo: o subcorpus em língua portuguesa representado pelo número <1> e o subcorpus em língua espanhola caracterizado pelo número <2>.

A segunda coluna apresenta informações relativas aos tipos de discursos investigados neste trabalho.

A terceira coluna apresenta informações relativas à identificação dos quatro evangelhos analisados e seus respectivos códigos numéricos: *Mateus* <1>, *Marcos* <2>, *Lucas* <3> e *João* <4>.

A quarta coluna, no que lhe concerne, equivale às duas representações que serão trabalhadas nas análises referentes às Representações de Atores Sociais: a *personalização* <1> e a *impersonalização* <2>, e a última, equivale à distribuição das representações analisadas.

Os exemplos 18 19 e 20, a seguir, apresentam as realizações linguísticas de Jesus, e a forma como cada ocorrência foi anotada.

Exemplo 18: Registro da genealogia de Jesus Cristo <10114>, filho de Davi <10113>, filho de Abraão: (Mt 1.1) (BÍBLIA NVI PORTUGUÊS, p.1)

No exemplo 18 percebe-se a representação de Jesus através de seu nome - entre parênteses angulares se encontram a seguinte etiqueta <10114> em que 1, refere-se à língua portuguesa ; 0, à narrativa de relato; 1, ao evangelho segundo Mateus; 1, à Personalização; e 4, à Nomeação; a segunda etiqueta, <10113>, apresenta a marcação de Jesus sendo referido como filho de Davi, seguindo com os códigos: 1, refere-se à língua portuguesa; 0, à narrativa

de relato; 1, ao evangelho segundo Mateus; 1, à Personalização; e 3, à Identificação Relacional. O exemplo 19, a seguir, aponta mais uma forma de referência a Jesus no corpus em análise.

Exemplo 19: [...] e perguntaram: “Onde está o recém-nascido <11111> rei dos judeus <11112> ? (Mt2.2) (BÍBLIA NVI PORTUGUÊS, p.1)

Quadro 2: Grade de anotação e códigos numéricos para as etiquetas

SUBCORPORA		TIPOS DE DISCURSO	EVANGELHOS		REPRESENTAÇÕES		TIPOS DE REPRESENTAÇÕES
		0 Narrativa de relato					
1	Português	1 Discurso Direto	1	Mateus	1	Personalização	1 Classificação
2	Espanhol	2 Discurso Indireto	2	Marcos			2 Funcionalização
		3 Discurso Direto Livre	3	Lucas			3 Identificação Relacional
		4 Narrativa dos Atos de Fala	4	João			4 Nomeação
		5 Discurso Indireto Livre			2	Impersonalização	1 Abstração
		6 Narrativa dos Atos de Pensamentos					2 Primitivização
		7- Narrativa de apresentação de ações					
							3 Sobrenaturalização
							4 Objetivação

Fonte: A autora

No exemplo 19, Jesus é representado por meio da classificação recém-nascido. Entre parênteses angulares, se encontram as seguintes etiquetas: <11111> em que 1, refere-se à

língua portuguesa; 1, ao discurso direto; 1, ao evangelho de Mateus; 1, à Personalização; e 1, à Classificação; a segunda etiqueta apresenta a realização linguística em que Jesus é representado por meio da funcionalização rei dos judeus. Entre parênteses angulares, se encontra a seguinte etiqueta <11112> na qual constam os seguintes códigos: 1, refere-se à língua portuguesa; 1 ao discurso direto; 1, ao evangelho segundo Mateus; 1, à Personalização; e 2 à Funcionalização.

E o último dos exemplos, o 20, também apresenta referência feita a Jesus nesse corpus.

Exemplo 20: pois de ti virá o líder <10112> que, como pastor <10112>, conduzirá (Mt 2.7) (Bíblia NVI PORTUGUÊS, p.1)

No exemplo 20, Jesus é representado por meio da funcionalização. Entre os parênteses angulares, se encontra a seguinte etiqueta <10112>, em que 1, refere-se à língua portuguesa; 0, à narrativa de relato; 1, ao evangelho segundo Mateus; 1, à Personalização e 2, à Funcionalização; a segunda etiqueta representa Jesus através da funcionalização pastor. Entre parênteses angulares, se encontra a seguinte etiqueta <11112>, em que 1, refere-se à língua portuguesa; 1, ao discurso direto; 1, evangelho de Mateus, 1, à Personalização; e 2, à Funcionalização.

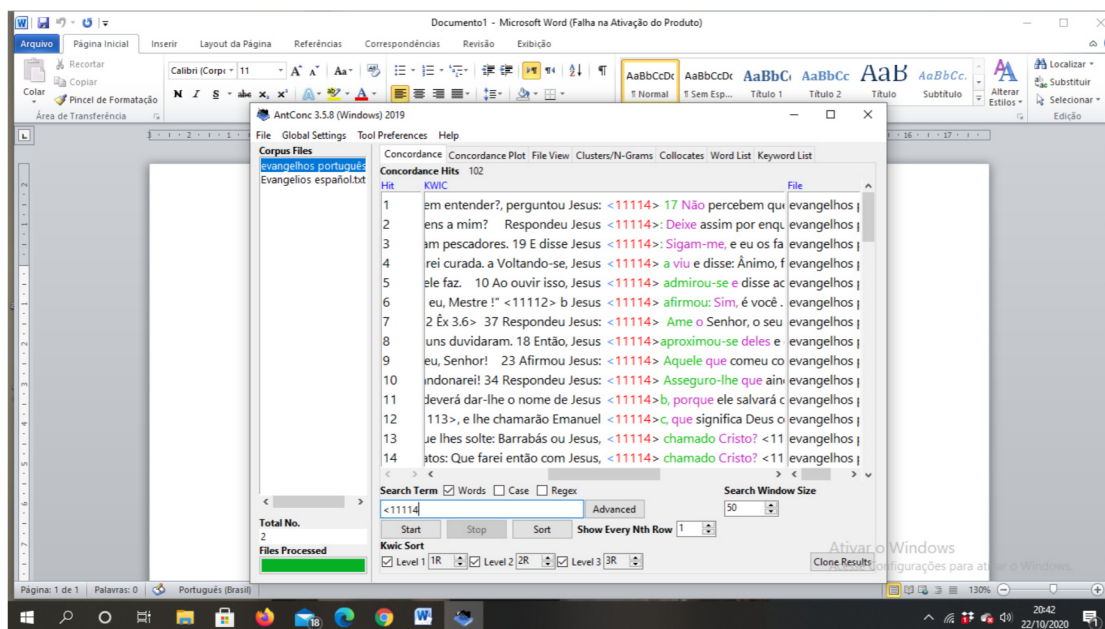
2.1.3 AntConc 3.5.8

Esta subseção apresenta o *software* utilizado para análise do corpus.

O AntConc, na versão 3.5.8, é um *software* desenvolvido por Laurence Anthony (2019) para análises linguísticas de textos em formato eletrônico. Esse *software* contém ferramentas, que produzem listas de palavras (Word List), palavras-chave (Keyword List), além de linhas de concordâncias (Concordance).

Neste estudo, utilizou-se – entre outras ferramentas apresentadas anteriormente – o *Concordance*, para apresentar as linhas de concordâncias com os códigos numéricos desejados. Por exemplo, na busca por uma representação do ator social analisado, no subcorpus em língua portuguesa <1>, <1> discurso direto, no *evangelho de João* <4>, classificada como *personalização* <1> do tipo *nomeação* <4>. Dessa maneira, inseriu-se na mesma ordem a seguinte etiqueta <11114>, no buscador do *Concordance*, e, consequentemente, obteve-se a figura 2 como resultado:

Figura 2 Resultados no AntConc 3.5.8 para "<11114>"



Fonte: Elaborado pela autora como resultado na utilização do AntConc 3.5.8

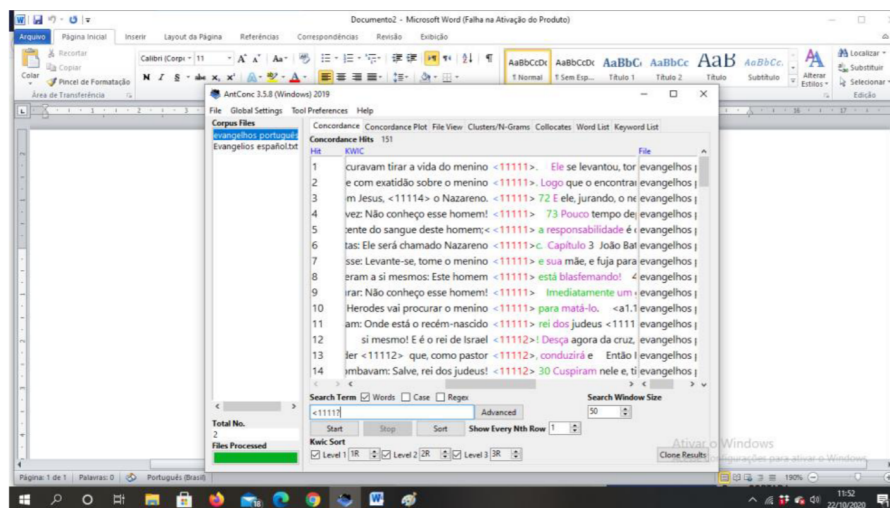
Foram consideradas para análise todas as referências a Jesus, as quais tenham ocorrido por meio de qualquer um dos tipos de representações anteriormente mencionadas. Salienta-se que as referências foram contabilizadas a partir de diferentes interlocutores presentes nas narrativas, ou seja, pelo narrador ou pelo discurso direto de uma terceira pessoa, inseridas pelo narrador do evangelho correspondente ou por outras personagens presentes nas narrativas bíblicas ora analisadas.

Quando a referência a Jesus incluía mais de uma palavra, a anotação levou sempre em consideração tão somente o núcleo do grupo nominal, por exemplo, em casos como “Santo de Deus”, “Rei dos Judeus” ou “Filho de Deus”. No primeiro exemplo, o item considerado para busca foi a palavra Santo, no segundo, a marcação foi feita com o vocábulo Rei e, finalmente, o último, a palavra de referência foi Filho.

Outra possibilidade de busca é a utilização de um dígito coringa (neste caso o uso do ponto de interrogação). Este recurso é útil para o levantamento de todas as ocorrências de uma determinada categoria sem maiores níveis de refinamento. Por exemplo, a utilização de <1111?> como nóculo de busca apresenta os resultados que pertencem ao subcorpus em língua portuguesa <1>, discurso direto <1>, no evangelho de *Mateus* <1>, classificados como *personalização* <1> e que incluem todos os tipos de representações da categoria anterior

(classificação <1>, funcionalização <2>, identificação relacional <3> e nomeação <4>). À vista disso, a figura 3 apresentou-se como resultado final.

Figura 3: Resultados no *AntConc 3.5.8* para "<1111?>"



Fonte: Elaborado pela autora como resultado na utilização do *AntConc 3.5.8*

Por meio dessa busca, percebe-se, no *concordance hits*, que o número de vezes que se encontrou a etiqueta <1111?> aumentou para 151 vezes; 49 a mais que a anotação anterior, pois adicionou-se, indiretamente, as etiquetas <1111>, <11112>, <11113> e <11114>. Para cada uma das etiquetas, respectivamente, o resultado total foi de 11, 16, 22 e 102 anotações.

À vista dos procedimentos teórico-metodológicos apresentados, serão discutidos, na próxima seção, os resultados quantitativos obtidos, através do *AntConc 3.5.8*, para as representações de Jesus, nos evangelhos, e analisados à luz da teoria da RAS e da forma de controle de personagens (LEECH E SHORT 2007).

2.2 O Corpus: Contextualização Bíblia NVI (Nova Versão Internacional) Português e Espanhol

Esta seção apresenta conteúdo parcial de Oliveira (2014), que investigou a representação de Jesus no evangelho de João em português e em espanhol na Bíblia NVI trilingue.

Conforme o prefácio da Bíblia NVI trilingue, que reúne os textos publicados em inglês, espanhol e português, a Nova Versão Internacional (NVI) é uma das traduções bíblicas

em português com base nas línguas consideradas originais (hebraico, grego, aramaico). O projeto dessa tradução ocorreu através do empenho da Sociedade Bíblica Internacional, que, na década de 1990, reuniu-se com uma equipe de estudiosos para dedicação a essa tradução. Aproximadamente vinte estudiosos de diferentes segmentos teológicos e linguísticos fizeram parte do projeto de tradução. Para a Comissão de Tradução da NVI, “o propósito dos estudiosos que a traduziram foi somar à lista de várias traduções existentes na língua portuguesa um texto novo que se definisse por quatro elementos imprescindíveis: precisão, beleza de estilo, clareza e dignidade” (p.5). Duas razões observadas pelos estudiosos comprovaram a necessidade dessa tradução. i) A dinamicidade e modificação da linguagem, tanto no conteúdo vocabular como na estrutura; e ii) a busca pela excelência em projetos científicos como também no campo arqueológico bíblico, estudo das línguas consideradas originais e de línguas derivadas dessas, da análise crítica e dos estudos da linguística.

Ainda conforme a Comissão de Tradução afirma no prefácio da NVI em língua portuguesa, essa tradução se constitui como uma tradução atual que apresenta fidelidade aos idiomas, considerados originais, a saber, hebraico e aramaico no Antigo Testamento (AT) e grego no Novo Testamento (NT). O seu objetivo foi de “comunicar a Palavra de Deus ao leitor moderno com tanta clareza e impacto quanto os exercidos pelo texto bíblico original entre os primeiros leitores” (p.5). A mesma Comissão de Tradução acrescenta que o processo tradutório foi feito de forma individualizada por cada tradutor seguida de apresentação à Comissão. Os questionamentos mais complexos e importantes no prisma teológico sempre foram discutidos conjuntamente, com o intuito de considerar todos os enfoques, sendo esses: “teológico, linguístico, histórico, eclesiástico e estilístico”. (p.6)

CAPÍTULO 3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, faremos a apresentação e análise dos dados guiados pelas perguntas que conduzem esta investigação.

3.1 Pergunta 1: Como Jesus Cristo é representado nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João nas línguas portuguesa e espanhola?

Para responder à primeira pergunta de pesquisa, primeiramente apresentaremos a tabela 2, que traz a quantidade de referências a Jesus em cada evangelho

Tabela 2 – Quantidade de representações de Jesus nos quatro evangelhos

Evangelho	Português	Espanhol
João	373	359
Lucas	326	317
Mateus	283	296
Marcos	253	244
Total	1.235	1.211

Fonte: dados da pesquisa

Os dados da tabela 2 revelam que Jesus foi referido 1.235 vezes nos evangelhos em português e 1.211, nos evangelhos em espanhol. Sendo 373 vezes no texto de João em português e 359 vezes no texto em espanhol; 326 vezes no texto de Lucas em português e 317 no texto em espanhol; 283 vezes no texto de Mateus em português e 293 vezes no texto em espanhol; e finalmente, Marcos, contém 253 referências em português e 244 no texto em espanhol.

O primeiro dado que se destaca na tabela 2 é a diferença quantitativa de realizações em língua portuguesa e espanhola. Essa diferença pode ser atribuída aos diferentes mecanismos de coesão lexical e gramatical utilizados pelos tradutores. Nos evangelhos de João, Lucas e Marcos em língua portuguesa, os tradutores demonstram uma preferência pelo uso de coesão lexical enquanto na língua espanhola essa demonstração é evidenciada por recursos de coesão gramatical como, elipse, pronome demonstrativo ou pronome pessoal. No entanto, o evangelho de Mateus em língua portuguesa, o tradutor teve preferência na utilização pelo uso de coesão lexical. Vale destacar que, pelo viés dos Estudos da Tradução, Blum-Kulka (1986) e Baker (1992) tratam das diferenças de mecanismos coesivos entre o inglês e outras línguas como o francês, hebraico e árabe, entre outras. Diferenças de mecanismos coesivos entre o português e o inglês foram tratadas por Vieira (1982) e Silva e

Assis (2013), entre outros. Resultados apontam para uma preferência do inglês pela coesão gramatical e do português, pela coesão lexical; no entanto, ainda carecem de estudos comparativos entre a língua portuguesa e a espanhola para afirmações mais categóricas.

O evangelho com maior número de referências a Jesus é o evangelho de João, que apresenta 373 realizações na língua portuguesa e 359 na língua espanhola. Os dados corroboram o que afirmam Zabatiero e Leonel (2011), ao concluírem que o evangelho de João concede uma maior visibilidade a Jesus pelos papéis desempenhados na narrativa. Demonstrativos dessas funções podem ser visualizados nas tabelas 4 e 5 nesta mesma seção.

O segundo evangelho com um maior número de referências a Jesus é o de Lucas, com 326 ocorrências na língua portuguesa e 317 na língua espanhola. Para Zabatiero e Leonel (2011), o evangelho de Lucas é considerado como uma narrativa com uma audiência mais seletiva, um narrador com um tom mais apurado e artístico vinculado ao grego clássico. Os autores concluem que este evangelho foi o que se esperava para a época que foi escrito. Nele se aborda a rejeição social sofrida por Jesus como também seu anúncio como salvador da humanidade.

O terceiro evangelho é o de Mateus e, diferentemente dos outros três, apresenta uma maior predominância de realizações linguísticas na língua espanhola, ou seja, 296 referências enquanto na língua portuguesa, as ocorrências são 283. É interessante notar que o evangelho de Mateus se apresenta como gênero biografia, inspirado no modelo grego, ou seja, conforme os autores, Jesus é apontado neste evangelho como um herói assim como eram descritos os personagens de destaque no mundo grego, pois para se fazer uma biografia, se fazia apenas de alguém que tivesse uma grande visibilidade social (ZABATIERO e LEONEL, 2011). Como biografado era esperado que fosse incluído na narrativa com maior frequência. É interessante notar, no entanto, que o dado quantitativo não corrobora essa expectativa uma vez que João e Lucas apresentam maior número de referências.

O evangelho de Marcos, com o menor número de ocorrências, tanto em português quanto em espanhol, apresenta 253 realizações linguísticas em português e 244 em espanhol. De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), o evangelho de Marcos constitui-se como uma narrativa voltada para a construção da identidade e memórias de um povo. Os autores afirmam que, na perspectiva de Marcos, existem dois grupos: aqueles que criam na vinda do Messias e aqueles que acreditavam que Jesus viria como um rei terreno.

As diferenças no número de realizações nos dois subcorpora são ilustradas pelos exemplos de mecanismos coesivos utilizados pelos tradutores como apresentados no Quadro 3, a seguir.

QUADRO 3: Mecanismos de coesão lexical e gramatical utilizados pelos tradutores em português e espanhol nos quatro evangelhos

Evangelho	Português	Espanhol
Mateus	Quando ele chegou à casa do dirigente da sinagoga e viu os flautistas e a multidão agitada, disse : “Saíam! (Mt 9.23-34)	Cuando Jesús entró en la casa del dirigente y vio a los flautistas y el alboroto de la gente, les dijo : —Váyanse. (Mt 9.23-24)
	Os discípulos lhe perguntaram: “Então, por que os mestres da lei dizem que é necessário que Elias venha primeiro?” (Mt 17.10)	Entonces los discípulos le preguntaron a Jesús : —¿Por qué dicen los *maestros de la ley que Elías tiene que venir primero? (Mt 17.10)
	“O que acham? Havia um homem que tinha dois filhos. Chegando ao primeiro, disse: ‘Filho, vá trabalhar hoje na vinha’. (Mt 21.28)	»¿Qué les parece? —continuó Jesús —Había un hombre que tenía dos hijos. Se dirigió al primero y le pidió: “Hijo, ve a trabajar hoy en el viñedo.” (Mt 21.28)
	Enquanto ele ainda falava, chegou Judas, um dos Doze. Com ele estava uma grande multidão armada de espadas e varas, enviada pelos chefes dos sacerdotes e líderes religiosos do povo. (Mt 26.47)	Todavía estaba hablando Jesús cuando llegó Judas, uno de los doce. Lo acompañaba una gran turba armada con espadas y palos, enviada por los jefes. (Mt 26.47)
Marcos	“Por que esse homem fala assim? Está blasfemando!?” (Mc 2.7)	«¿Por qué habla éste así? ¿Está *blasfemando! ¿Quién puede perdonar pecados sino sólo Dios?» (Mc 2.7)
	Jesus falou isso porque eles estavam dizendo: “Ele está com um espírito imundo”. (Mc 3.30)	Es que ellos habían dicho: «Tiene un *espíritu maligno.» (Mc 3.30)
	Estando Jesus em Betânia, reclinado à mesa na casa de um homem conhecido como Simão, o leproso, aproximou-se dele certa mulher com um frasco de alabastro contendo um perfume muito caro, feito de nardo puro. Ela quebrou o frasco e derramou o perfume sobre a cabeça de Jesus. (Mc 14.3)	En Betania, mientras estaba él *sentado a la mesa en casa de Simón llamado el leproso, llegó una mujer con un frasco de alabastro lleno de un perfume muy costoso, hecho de nardo puro. Rompió el frasco y derramó el perfume sobre la cabeza de Jesús. (Mc 14.3)
	“Se podes?”, disse Jesus . “Tudo é possível àquele que crê.” (Mc 9.23)	—¿Cómo que si puedo? Para el que cree, todo es posible. (Mc 9.23)
Lucas	Nós estamos sendo punidos com justiça, porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem. Mas este homem não cometeu nenhum mal”. (Lc 23.2-4)	En nuestro caso, el castigo es justo, pues sufrimos lo que merecen nuestros delitos, éste , en cambio, no ha hecho nada malo. (Lc 23.24)

	Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho (Lc 2.5)	para inscribirse junto con María su esposa. Ella se encontraba encinta. (L 2.5)
	Então alguns habitantes de Jerusalém começaram a perguntar: “Não é este o homem que estão procurando matar?” (Lc 7.25)	Si no, ¿qué salieron a ver? ¿A un hombre vestido con ropa fina? Claro que no, pues los que se visten ostentosamente y llevan una vida de lujo están en los palacios reales.. (Lc 7.25)
	Ele promoveu poderosa salvação para nós. (Lc 1.69)	Nos envió un poderoso salvador en la casa de David su siervo. (Lc 1.69)
João	Disse Jesus : “A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. (Jo 6.26)	—Ciertamente les aseguro que ustedes me buscan, no porque han visto señales sino porque comieron pan hasta llenarse. (Ju 6.26)
	Na festa os judeus o estavam esperando e perguntavam: “Onde está aquele homem ?” (Jo 7.11)	Por eso las autoridades judías lo buscaban durante la fiesta, y decían: «¿Dónde se habrá metido?» (Jo 7.11)
	Então Anás, enviou Jesus de mãos amarradas a Caifás, o sumo sacerdote. (Jo 18. 24)	Entonces Anás, lo envió todavía, atado a Caifás, el sumo sacerdote. (Ju 18.24)
	Quando Jesus disse isso, um dos guardas que estava perto bateu-lhe no rosto. “Isso é jeito de responder ao sumo sacerdote?”, perguntou ele. (Jo 18. 22)	Apenas dijo esto, uno de los guardias que estaba allí cerca le dio una bofetada y le dijo: —¿ Así contestas al sumo sacerdote? (Ju 18.22)

Fonte: dados da pesquisa

O primeiro evangelho a ser destacado no Quadro 3 é o evangelho de Mateus. Esse se diferencia dos outros três evangelhos, no aspecto relacionado ao uso dos mecanismos de coesão. Nesse evangelho, o tradutor da língua portuguesa se utiliza de mecanismos de coesão gramatical, como elipse e pronomes na produção de seu texto. No primeiro exemplo, o tradutor refere a Jesus por meio do pronome pessoal ele; no segundo, a referência é feita através do pronome lhe; no terceiro, existe a presença de elipse; e finalmente, o último, a referência é feita novamente pelo pronome pessoal ele. Ao se tratar da língua espanhola nesse evangelho, o tradutor faz uso de coesão lexical, ao referir nos três exemplos a Jesus por meio do seu próprio nome, ou seja, a forma que mais evidencia alguém em sociedade.

O segundo evangelho é Marcos. Nesse, Jesus é referido em língua portuguesa, no primeiro exemplo, como homem; no segundo, terceiro e quarto por meio do seu próprio nome, Jesus. No que concerne à língua espanhola, no primeiro exemplo é utilizado o pronome

demonstrativo *éste*; no segundo, se utiliza elipse; no terceiro, pronome pessoal *Él*; e finalmente, no quarto, a referência é feita por meio de elipse.

O terceiro evangelho é Lucas. Nesse, na língua portuguesa, no primeiro exemplo, Jesus é classificado como esse homem; no segundo, a representação a Jesus é feita por meio de uma identidade relacional, filho; no terceiro, Jesus é classificado novamente como homem, e finalmente, o quarto, é utilizado pelo tradutor, o item lexical salvação. No que concerne à língua espanhola, o primeiro exemplo, Jesus é referido pelo pronome demonstrativo *éste*; no segundo, a utilização é feita por elipse; no terceiro, ocorre uma coisa atípica: os versículos não são os mesmos nesse capítulo; e finalmente, o quarto, representa Jesus na língua espanhola como salvador.

O quarto evangelho é o de João. Nesse, na língua portuguesa, no primeiro exemplo, Jesus é referido por meio do seu nome; no segundo exemplo, através da classificação homem; e no terceiro e quarto exemplo, através do seu próprio nome. No que se refere à língua espanhola, o primeiro e o segundo exemplo, os tradutores utilizam elipses; o terceiro, o mecanismo utilizado é o pronome *lo*; e finalmente, o último, a utilização feita pelos tradutores é o uso de elipse.

A Tabela 3, a seguir, apresenta os dados relativos ao “como” presente na primeira pergunta. Ou seja, as formas de Personalização e Impersonalização de Jesus nos quatro evangelhos em português e em espanhol.

Tabela 3 - Personalização e Impersonalização de Jesus nos quatro evangelhos em português e em espanhol

Forma de representação	Mateus		Marcos		Lucas		João	
	PT	ES	PT	ES	PT	ES	PT	ES
Personalização	274	288	249	240	314	306	344	329
Impersonalização	09	08	04	04	12	11	29	30
Total	283	296	253	244	326	317	373	359

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com a tabela 3, podemos visualizar as formas por meio das quais Jesus é representado nos quatro evangelhos no par linguístico em análise. Conforme van Leeuwen (1997), a personalização atribui características ⁺humanas ao Ator Social. No caso de Jesus, são atribuídas a ele características ⁺humanas que divinas. Ao ser Impersonalizado, as referências feitas ao Ator Social lhe subtraem os traços ⁺humanos.

Nessa perspectiva, podemos visualizar o evangelho de João como o evangelho que apresenta o quantitativo maior nos dois idiomas; na categoria de Personalização são 344

ocorrências na língua portuguesa e 329 na língua espanhola. Na categoria de Impersonalização, 29 ocorrências na língua portuguesa e 30 na língua espanhola.

O evangelho de Lucas é o segundo, contabilizando, 314 personalizações na língua portuguesa e 306 na língua espanhola; na categoria de Impersonalização, 12 ocorrências na língua portuguesa e 11 na língua espanhola.

O evangelho de Mateus contém 288 realizações de Personalização na língua espanhola e 274 na língua portuguesa; na categoria de Impersonalização, 09 ocorrências na língua portuguesa e 08 na língua espanhola.

Finalmente, o evangelho de Marcos contém 249 realizações de Personalização na língua portuguesa e 240 na língua espanhola; na categoria de Impersonalização, as ocorrências são 04 realizações nos dois idiomas.

A tabela 4 apresenta a distribuição das formas de Personalização.

Tabela 4 – Formas de Personalização de Jesus nos quatro evangelhos da Bíblia NVI

Personalização	Mateus		Marcos		Lucas		João	
	PT	ES	PT	ES	PT	ES	PT	ES
Classificação	15	15	03	02	21	17	24	16
Funcionalização	18	17	23	22	31	29	30	29
Identificação	24	24	11	11	20	18	16	18
Relacional								
Nomeação	217	232	212	205	242	242	274	266
Total	274	288	249	240	314	306	344	329

Fonte: dados da pesquisa

Ao visualizar a Tabela 4, podemos perceber a distribuição das formas de Personalização feitas a Jesus nos quatro evangelhos. A subcategoria de Nomeação é a que apresenta um maior quantitativo dessas representações, tanto em português quanto em espanhol. Como aponta a tabela 3, o evangelho de João apresenta 274 realizações linguísticas em língua portuguesa e 266 na língua espanhola; o evangelho de Lucas, é o evangelho que aparece com proeminência nesta representação, apresenta o mesmo quantitativo, 242 tanto na língua portuguesa como na língua espanhola; o evangelho de Mateus com 232 realizações na

língua portuguesa e 217 na língua espanhola; e finalmente, Marcos com 249 realizações na língua portuguesa e 240 na língua espanhola. De acordo com van Leeuwen (1997), essa é a forma de atribuição de poder ao Ator em sociedade, ou seja, ao ser referido por seu próprio nome (Jesus, Jesus Cristo, Jesus de Nazaré, e Emanuel) ele tem sua identidade única e individualizada.

A segunda principal subcategoria é a Funcionalização. No evangelho de Lucas, a subcategoria de Funcionalização apresenta 31 realizações na língua portuguesa e 29 na língua espanhola; no evangelho de João, 30 ocorrências na língua portuguesa e 29 na língua espanhola; Marcos com 23 na língua portuguesa e 22 na língua espanhola; e finalmente, Mateus com 18 na língua portuguesa e 17 na língua espanhola. Para van Leeuwen (1997), ao ser Funcionalizado, são atribuídos ao Ator traços de sua vida social pelos papéis que desempenha. No caso de Jesus, referências lhe foram feitas nos evangelhos como o Rei, Rei dos judeus, Mestre, Rabí, Rabôni, Salvador do Mundo, Profeta, Pecador, representações estas utilizadas no contexto da sociedade judaica. Esses resultados corroboram os aspectos do que defende a teologia, pois, de acordo com Radmacher (2010), Jesus foi mencionado como o sucessor de Davi, alguém que viria para reinar, ou seja, desempenharia um papel importante na sociedade.

A terceira principal forma é a Identificação Relacional. No evangelho de Mateus com 24 realizações nos dois idiomas; em Lucas com 20 ocorrências na língua portuguesa e 18 na língua espanhola; em João, 18 na língua espanhola e 16 na língua portuguesa; e, finalmente, em Marcos com 11 ocorrências no par em análise. Para van Leeuwen (1997), ao ser identificado relacionamente, são atribuídos ao Ator Social traços de sua vida privada, no caso de Jesus, referências lhe foram feitas nos evangelhos como Filho de Deus, Filho de José, Filho de Davi, Filho do carpinteiro, Filho do Deus amado, Filho do Altíssimo, Filho, Unigênito, Primogênito, Filho amado e noivo. De acordo com Douglas (1995, p. 622), a filiação se apresenta como um pacto estabelecido entre Deus e os israelitas. O autor relata que essa filiação não se constitui como um aspecto biológico, ainda que se utilize de forma metafórica em torno de “nascimento”, “infância” e “crescimento”. Douglas (1995) afirma que o vocábulo que se aplica a filho é a palavra *ben* – originária do hebraico, no grego se utiliza *hyos* ou *teknon*.

No que se refere à subcategoria de Classificação, o evangelho de João contém 24 realizações na língua portuguesa e 16 na língua espanhola; o evangelho de Lucas, 21 na língua portuguesa e 17 na língua espanhola; Mateus contém 15 realizações em ambas as línguas; e finalmente, Marcos, 03 na língua portuguesa e 02 na língua espanhola. De acordo com van Leeuwen (1997), ao ser classificado, o Ator Social é referido por meio da sua idade, sexo ou gênero. No caso de Jesus ele foi referido como recém-nascido, menino, o nazareno, homem e bebê. Essas representações revelam traços de sua humanidade da infância à idade adulta, como também, o classifica pelo local em que morava.

Tabela 5 – Formas de Impersonalização de Jesus Cristo nos quatro evangelhos da Bíblia NVI

Impersonalização	Mateus		Marcos		Lucas		João	
	PT	ES	PT	ES	PT	ES	PT	ES
Abstração	09	08	03	03	09	08	19	20
Primitivização	00	00	00	00	00	00	02	02
Sobrenaturalização	00	00	01	01	02	02	02	01
Objetivação	00	00	00	00	01	01	06	07
Total	09	08	04	04	12	11	29	30

Fonte: dados da pesquisa

Ao visualizar a Tabela 5, percebemos as formas de Impersonalização, por meio das quais Jesus é referido nos quatro evangelhos.

A forma de impersonalização mais recorrente é a Abstração. De acordo com van Leeuwen (1997), nessa subcategoria, o ator social é referido por meio dos atributos que lhe são feitos, como por exemplo: O Cristo e O Messias. O evangelho que apresenta o maior quantitativo é o de João, na língua espanhola, com 20 realizações e 19 na língua portuguesa; posteriormente a este, o evangelho de Lucas apresenta 09 realizações linguísticas em língua portuguesa e 08 na língua espanhola; Mateus apresenta 09 ocorrências na língua portuguesa e 08 na língua espanhola, e, finalmente, Marcos apresenta 03 realizações nos dois idiomas. De acordo com os dados, a realização linguística que mais referiu a Cristo nessa subcategoria foi o atributo Cristo. Para Stern (2008), o vocábulo Cristo se origina do grego “*Christos*” e foi o

correspondente usado na tradução para o português, tem o mesmo significado de Messias ou “*mashiac*” no hebraico. Os dois termos, segundo o autor, significam “ungido ou aquele sobre o qual foi derramado”. Para Stern (2008, p. 25), esse atributo era concedido a reis e sacerdotes quando assumiam esses papéis em um evento no qual recebiam reconhecimento divino. O autor conclui que, no Novo Testamento Judaico, não se utiliza o vocábulo Cristo, mas sim Messias, pois este tem um grande “significado” no contexto judaico. Para o autor, o termo Cristo não é aceito pelos judeus, pois “não aponta o cumprimento por Yeshua das esperanças judaicas e da profecia bíblica”.

A segunda subcategoria na qual Jesus é referido é a Objetivação, que apresenta o mesmo quantitativo tanto em português como em espanhol no evangelho de João, 06 ocorrências na língua portuguesa e 07 ocorrências. Ao ser objetivado, o Ator Social é referido por referências metonímicas como, por exemplo, um objeto: luz do mundo. Além de João, Jesus é referido também por meio dessa subcategoria no evangelho de Lucas com 01 ocorrência tanto na língua portuguesa como na língua espanhola, os outros dois evangelhos não apresentam realizações linguísticas nessa subcategoria.

A terceira subcategoria que impersonaliza Jesus é a Primitivização, na qual, conforme (Assis 2009), ao ser primitivizado, são subtraídos do Ator Social, os traços ⁺humanos. Ocorrências dessa subcategoria são apresentadas apenas no evangelho de João com 02 realizações linguísticas tanto na língua portuguesa como na espanhola quando Jesus é referido como o Cordeiro de Deus.

E finalmente, a última, a Sobrenaturalização, de acordo com Assis (2009), ao ser sobrenaturalizado, extrai-se do Ator Social o traço ⁺terreno e utiliza-se uma forma que ultrapassa o natural, relacionando-se a crenças ou imaginação. Os evangelhos que apresentam resultados dessa subcategoria são os evangelhos de Lucas, João e Marcos ao referir Jesus como o Santo de Deus. O primeiro com duas realizações linguísticas tanto na língua portuguesa como na língua espanhola, o segundo apenas com uma realização linguística na língua portuguesa e duas na língua espanhola e finalmente, o terceiro com uma realização em cada idioma.

O Quadro 4, a seguir, apresenta exemplos das realizações linguísticas no par em análise com as subcategorias que foram descritas nessa seção.

QUADRO 4: Realizações de Jesus Cristo no par linguístico em análise nos quatro evangelhos bíblicos

Categorias	Português	Espanhol
Classificação	Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. (Mt 12.12)	Cuando llegaron a la casa, vieron al niño con María, su madre; y postrándose lo adoraron. (Mt 12.12)
Funcionalização	Os discípulos o acordaram e clamaram: “ Mestre , não te importas que morramos?” (Mc 4.38)	—¡ Maestro! —gritaron—, ¿no te importa que nos ahogemos? (Mc 4.38)
Identificação Relacional	Em alta voz exclamou: “Bendita é você entre as mulheres, e bendito é o filho que você dará à luz! (Lc 1.42)	Tan pronto como Elisabet oyó el saludo de María, la criatura saltó en su vientre. Entonces Elisabet, llena del Espíritu Santo, 42 exclamó: —¡Bendita tú entre las mujeres, y bendito el hijo que darás a luz! (Lc 1.42)
Nomeação	No dia seguinte Jesus decidiu partir para a Galiléia. Quando encontrou Filipe, disse-lhe: “Siga-me”. (Jo 1.43)	Al día siguiente, Jesús decidió salir hacia Galilea. Se encontró con Felipe, y lo llamó: —Sígueme. (Jo 1.43)
Abstração	Tendo reunido todos os chefes dos sacerdotes do povo e os mestres da lei, perguntou-lhes onde deveria nascer o Cristo . (Mt 2.4)	Así que convocó de entre el pueblo a todos los jefes de los sacerdotes y *maestros de la ley, y les preguntó dónde había de nacer el *Cristo . (Mt 2.4)
Objetivação	A luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram. (Jo 1.5)	Esta luz resplandece en las tinieblas, y las tinieblas no han podido extinguirla. (Jo 1.5)
Primitivização	“Vejam! É o Cordeiro de Deus , que tira o pecado do mundo! (Jo 1.36)	—¡Aquí tienen al Cordero de Dios! (Jo 1.36)
Sobrenaturalização	Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus! ” (Lc 4.34)	¿Has venido a destruirnos? Yo sé quién eres tú: ¡el Santo de Dios! (Lc 4.34)

Fonte: dados da pesquisa

O Quadro 4 apresenta realizações linguísticas de como Jesus é representado nos quatro evangelhos bíblicos em português e em espanhol. Farei, portanto, uma reflexão acerca dos exemplos aqui evidenciados com base no aporte teórico utilizado para esta análise. Os exemplos representam as formas pelas quais os tradutores se referem a Jesus nos quatro evangelhos da Bíblia NVI.

Os quatro primeiros exemplos apontam a distribuição de papéis que Jesus Cristo desempenha nas narrativas por meio da Personalização, ou seja, traços de sua humanidade utilizadas pelos tradutores no par linguístico em análise. O primeiro desses, a Classificação o representa de forma a evidenciar sua humanidade enquanto menino, alguém que detinha sentimentos assim como as outras pessoas. O segundo, a Funcionalização, aponta para sua atuação no mundo das funções sociais, sendo reconhecido como o mestre, alguém que estava alí desempenhando um papel importante que só era ocupado pelos judeus naquele contexto. O terceiro, a Identificação Relacional, referindo-se a Cristo em relações privadas de sua vida, como o filho de Maria. E finalmente, a Nomeação, que entre as subcategorias mencionadas, dá uma visibilidade maior a Jesus nos quatro evangelhos, ao ser referido por seu próprio nome – alguém único em sua identidade nomeada.

E, finalmente, os quatro últimos, apontam traços da divindade de Jesus por meio da Impersonalização. O primeiro destes, a Abstração, o aponta por atributos que são concedidos a alguém investido de poder para atuação divina entre os humanos. O segundo destes, a Objetivação, retira de Jesus os aspectos de sua humanidade e o refere como um objeto (luz), alguém que está para iluminar o mundo. O terceiro, a Primitivização, o representa como o Cordeiro de Deus, um ser escolhido para se sacrificar pela humanidade. E, finalmente, o último, a Sobrenaturalização, reconhecido pelo poder sobrenatural que detinha entre os humanos.

3.2 Pergunta 2: Quem constrói Jesus nos evangelhos: Os narradores ou as personagens controladas por eles?

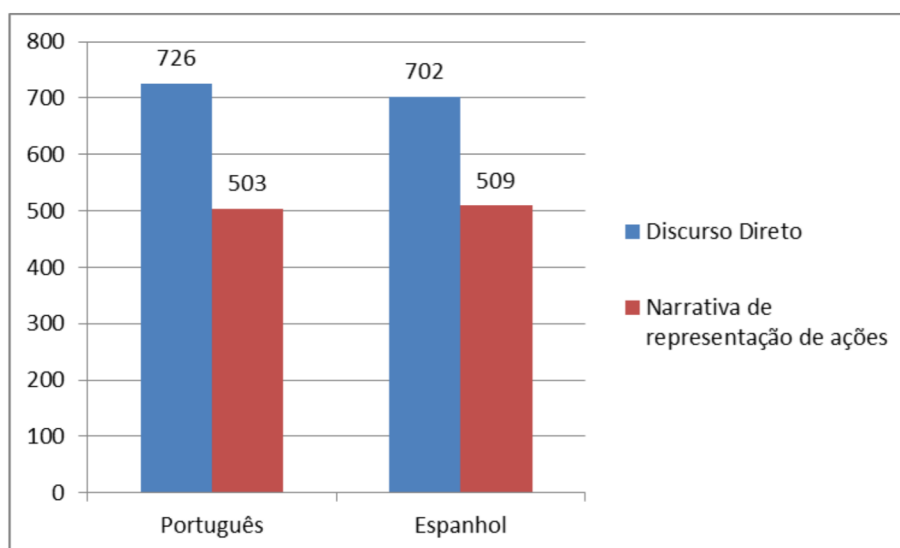
Toda narrativa requer alguém que conte a história que será apresentada ao leitor. Trata-se do narrador. Esse pode atuar descrevendo as “ações” que ocorrem no texto ou dando voz às personagens que fazem parte do enredo. Nos quatro evangelhos, cada narrador atua de uma forma diferente, ora narrando os fatos, ora visibilizando personagens nas narrativas.

Das formas de apresentação do discurso discutidas por Leech e Short (2007) foram encontradas duas: o discurso direto e a narrativa de apresentação de ações. Os autores afirmam que a primeira dessas, ocorre dando voz à personagem na história, dessa forma, o narrador se distancia do discurso proferido. De acordo com os autores, esse tipo discursivo é construído com a oração projetante pelo narrador com verbo de elocução e uso da terceira

pessoa com dois pontos e aspas em inglês (travessão, em português); e finalmente, a última, ocorre por meio do narrador ao fazer relato das ações e eventos que ocorrem na história.

Para responder à segunda pergunta de pesquisa, primeiramente apresentaremos o Gráfico 1, que expõe o total de ocorrências da construção de Jesus nos quatro evangelhos.

Gráfico 1: Total de construções de Jesus nos quatro evangelhos em português e em espanhol



Fonte: dados da pesquisa

A partir do Gráfico 1, é possível perceber que as análises dos textos em português e em espanhol revelaram diferenças quantitativas na escolha da construção de Jesus nos quatro evangelhos. Em português foram encontradas 726 referências a Jesus feitas pelas personagens enquanto em espanhol foram encontradas apenas 702 ocorrências. No que se refere à construção feita pelos narradores em português foram encontradas 503 ocorrências e em espanhol, 509.

É possível perceber na leitura do Gráfico 1, uma predominância de Discurso Direto tanto na língua portuguesa quanto na espanhola, ou seja, ao fazer uso do Discurso Direto, o narrador constrói a narrativa dando voz aos personagens e representando suas falas como se daquelas formas tivessem sido dita.

A tabela 5 abaixo apresenta a distribuição dessas categorias nos quatro evangelhos.

Tabela 5 – Tipos de Discursos e Narrativas de apresentação de ações nos quatro evangelhos

Tipos de discursos	Mateus		Marcos		Lucas		João	
	PT	ES	PT	ES	PT	ES	PT	ES
Discurso Direto	163	187	134	118	187	184	239	213
Narrativa de apresentação de ações	113	106	117	124	138	133	134	146
Total	276	293	251	242	325	317	373	359

Fonte: dados da pesquisa

Visualizando a tabela 5 é possível perceber como se constrói as narrativas nos quatro evangelhos bíblicos nos dois idiomas.

De acordo com Zabatiero (2011), o narrador em um texto é considerado como alguém que transmite ‘uma história’. O autor afirma que as formas utilizadas pelo narrador ocorrem com um propósito definido: a comunicação com aqueles que lerão a narrativa. Segundo Zabatiero e Leonel (2011), a atuação mediadora do narrador é de grande relevância em uma construção textual. O autor, citando Stanzel (1986)⁹, assevera que o fato da narrativa se encontrar na primeira ou terceira pessoa, faz parte do caminho que está sendo preparado para o leitor. Essa afirmação confirma resultados de análise deste trabalho. De acordo com o gráfico, pode-se visualizar o percurso que os narradores fazem ao utilizar o Discurso Direto nos quatro evangelhos, permitindo que as personagens tenham liberdade de se expressar na narrativa.

O evangelho com mais predominância de Discurso Direto é o evangelho de João com 239 ocorrências na língua portuguesa e 213 na língua espanhola. Ao se utilizar dessa forma, o narrador se distancia do discurso, entregando a responsabilidade a personagem que o proferiu. Os resultados apresentados corroboram o que afirma Gabel e Wheeler (1993), ao mencionar que a narrativa de João se diferencia dos outros três evangelhos ao dar uma maior visibilidade a Jesus enquanto personagem protagonista, tendo voz própria em seus discursos sem a necessidade de intermediário em suas ações.

⁹ STANZEL, F.K. *A Theory of Narrative*. Tradução de Charlotte Goedsche. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

O segundo evangelho, que também apresenta predominância com Discurso Direto, é o evangelho de Lucas. Nesta narrativa são apresentadas 187 ocorrências na língua portuguesa e 184 na língua espanhola. De acordo com Zabatiero e Leonel (2011, p. 86), nos escritos de Lucas, o narrador se utiliza de duas categorias: “ações e aparência da personagem e o discurso direto da própria personagem”. De acordo com Gabel e Wheeler (1993), o evangelho de Lucas é considerado como uma narrativa direcionada a um público mais seletivo com influência do grego clássico. O narrador tem como ponto de partida o evangelho de Marcos, no entanto, demonstra sua criatividade e reconhece a Jesus como um rei distinto do que se esperava no público judaico.

O terceiro evangelho com acentuação no discurso direto é o evangelho de Mateus. Nessa narrativa são apresentadas 187 ocorrências na língua espanhola e 163 na língua portuguesa. Para Zabatiero e Leonel (2011), o evangelho de Mateus é considerado como biografia greco-romana. Nessa, de acordo com o autor, se expõe a visibilidade de Jesus como “herói” ou protagonista. Para Zabatiero e Leonel (2011), o gênero detém sua importância por ser a forma utilizada para convencer o leitor daquilo que se pretende comunicar.

Essa afirmação evidencia o que Zabatiero e Leonel (2011) discutem ao afirmarem que, não existem semelhanças entre os evangelhos, ou seja, os autores concluem que, Mateus centra em sua narrativa, o comissionamento de discípulos entre a comunidade, enquanto Marcos tem como centro a proclamação dos evangelhos às nações, e finalmente Lucas narra em seu evangelho os testemunhos vivenciados por muitos que decidiram seguir Jesus. Se opondo então à conclusão do que apresenta a Bíblia de Estudo de Genebra ao assegurar que Mateus Marcos e Lucas são considerados como os evangelhos “sinóticos”, ou seja, possuem semelhanças em sua construção.

De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), o evangelho de Mateus destaca-se por seu caráter interativo em sua narrativa com os leitores, ou seja, o narrador mateano não se detém a uma coletânea de escritos memoráveis. Zabatiero e Leonel citando Carter (2001, p.99) afirmam que, “Embora Jesus não esteja fisicamente presente, sua presença continua viva por meio da narrativa do evangelho de suas palavras e ações”. Com essa afirmação os autores evidenciam a importância de Jesus como protagonista entre as personagens. Essa afirmação dos autores comprova os dados analisados neste trabalho quando o narrador do evangelho de

Mateus apresenta Jesus por meio dessa interação com outras personagens se utilizando de forma proeminente do discurso direto.

E finalmente, Marcos com 134 ocorrências em português e 118 em espanhol. De acordo com Gabel e Wheeler (1993), o evangelho de Marcos foi o primeiro a ser escrito e é considerado como uma “forma literária revolucionária”. Para os autores, o evangelista detalha ações sobre o percurso de Jesus, mas ele não enfatiza como os outros evangelhos a visibilidade social de Jesus como “Mestre”.

Nessa perspectiva, o Quadro 5 apresenta exemplos de representações discursivas da personagem Jesus Cristo que é central nesta análise no par linguístico português e espanhol.

QUADRO 5: Representações de Discurso Direto nos quatro evangelhos bíblicos em língua portuguesa e língua espanhola

Evangelho	Português	Espanhol
Mateus	Depois que partiram, um anjo do Senhor apareceu a José em sonho e lhe disse: “Levante-se, tome o menino e sua mãe, e fuja para o Egito”. (Mt 2.14)	Cuando ya se habían ido, un ángel del Señor se le apareció en sueños a José y le dijo: «Levántate, toma al niño y a su madre, y huye a Egipto. (Mt 2.14)
	Respondeu Jesus : “Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça”. E João concordou. (Mt 3.14)	—objetó. —Dejémoslo así por ahora, pues nos conviene cumplir con lo que es justo —le contestó Jesús . (Mt. 3.14)
	Saindo Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: “ Filho de Davi , tem misericórdia de nós!” (Mt 20.29)	—¡Señor, Hijo de David , ten compasión de nosotros! (Mt 20.29)
	Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo , o Filho do Deus vivo”. (Mt 16.16)	—Tú eres el *Cristo , el Hijo del Dios viviente —afirmó Simón Pedro (Mt 16.16)
Marcos	[...] um homem possesso de um espírito imundo ^f gritou: “O que queres conosco, Jesus de Nazaré ? Vieste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus! ” (Mc 1.24)	[...]”¿Por qué te entrometes, Jesús de Nazaret ? ¿Has venido a destruirnos?” Yo sé quién eres tú: ¡el Santo de Dios! (Mc 1.24)
	Jesus respondeu: “Vamos para outro lugar, para os povoados vizinhos, para que também lá eu pregue. Foi para isso que eu vim”. (Mc 1.39)	Jesús respondió: Vámonos de aquí a otras aldeas cercanas donde también pueda predicar; para esto he venido. (Mc 1.39)
	Depois o sumo sacerdote levantou-se diante deles e perguntou a Jesus : “Você não vai responder à acusação que estes lhe fazem?” (Mc 14.60)	Poniéndose de pie en el medio, el sumo sacerdote interrogó a Jesús : —¿No tienes nada que contestar? ¿Qué significan estas denuncias en tu contra? (14.60)

	Jesus lhes disse: “Só em sua própria terra, entre seus parentes e em sua própria casa, é que um profeta não tem honra”. (Mc 6.4)	Y se *escandalizaban a causa de él. Por tanto, Jesús les dijo: —En todas partes se honra a un profeta, menos en su tierra, entre sus familiares y en su propia casa. (Mc 6.4)
Lucas	E Simeão os abençoou e disse a Maria, mãe de Jesus : “Este menino está destinado a causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e a ser um sinal de contradição” (Lc 2.34)	Simeón les dio su bendición y le dijo a María, la madre de Jesús : «Este niño está destinado a causar la caída y el levantamiento de muchos en Israel, y a crear mucha oposición, (Lc 2.34)
	Jesus lhes respondeu: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. ³² Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento”. (Lc 5.32)	—No son los sanos los que necesitan médico sino los enfermos —les contestó Jesús —. No he venido a llamar a justos sino a pecadores para que se *arrepientan. (Lc 5.32)
	Então veio do céu uma voz: “Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado”. (Lc 3.22)	Entonces se oyó una voz del cielo que decía: « Tú eres mi Hijo amado ; estoy muy complacido contigo.» (Lc 3.22)
	Vendo a fé que eles tinham, Jesus disse: “Homem, os seus pecados estão perdoados”. (Lc 5.19)	Al ver la fe de ellos, Jesús dijo:—Amigo, tus pecados quedan perdonados. (Lc 5.20)
João	No dia seguinte João viu Jesus aproximando-se e disse: “Vejam! É o Cordeiro de Deus , que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.30)	Al día siguiente Juan vio a Jesús que se acercaba a él, y dijo: «¡Aquí tienen al Cordero de Dios , que quita el pecado del mundo!(Ju 1.29)
	Enquanto isso, os discípulos insistiam com ele: “ Mestre , come alguma coisa” (Jo 4.30)	Mientras tanto, sus discípulos le insistían: — Rabí , come algo. (Ju 4.31)
	Então, deixando o seu cântaro, a mulher voltou à cidade e disse ao povo: ²⁹ “Venham ver um homem que me disse tudo o que tenho feito. Será que ele não é o Cristo ?” (Jo 4.29)	La mujer dejó su cántaro, volvió al pueblo y le decía a la gente: ²⁹ —Vengan a ver a un hombre que me ha dicho todo lo que he hecho. ¿No será éste el * Cristo ? Jo 4.29
	No dia seguinte João estava ali novamente com dois dos seus discípulos. Quando viu Jesus passando, disse: “Vejam! É o Cordeiro de Deus !” (Ju 1.36-37)	Al día siguiente Juan estaba de nuevo allí, con dos de sus discípulos. ³⁶ Al ver a Jesús que pasaba por ahí, dijo: —¡Aquí tienen al Cordero de Dios !

Fonte: dados da pesquisa

No quadro acima, pode-se visualizar as formas pelas quais as personagens dos evangelhos se referiram a Jesus. De acordo com Leech e Short (2007), ao se utilizar do Discurso Direto, os narradores fazem uso dos verbos elocutivos: dizer, responder, clamar, etc,

seguido dos dois pontos e discurso da personagem entre aspas (em língua inglesa). Costa e Freitas (2017), citando Moura Neves (2000, p.48),¹⁰ afirmam que são denominados “verbos de dizer”, os verbos elocutivos, nos quais estes se completam por meio do discurso direto. Nos exemplos acima, constata-se que, na língua portuguesa, foram utilizadas aspas, quando o padrão da língua portuguesa é o uso de travessão. No caso da língua espanhola, a sinalização é utilizada foi o travessão. Dos resultados encontrados, apresentamos quatro excertos de cada um dos evangelhos. Começando por Mateus, nos dois idiomas, Jesus é classificado como menino e a personagem que o classifica é o anjo; no segundo, a representação de Jesus encontra-se na oração projetante, e, portanto, é atribuída ao narrador; no terceiro, dois cegos clamam ao Filho de Davi por misericórdia; e finalmente, no quarto, Simão Pedro reconhece a Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo.

No evangelho de Marcos, o primeiro exemplo apresenta um homem possesso, questionando a Jesus acerca do que ele quer com eles sobrenaturalizando-o como Santo de Deus; no segundo exemplo, a voz é dada a Jesus pelo narrador e a representação é feita pelo próprio narrador; no terceiro, o sumo sacerdote dialoga com Jesus; e finalmente, no quarto, o narrador dá voz a Jesus novamente.

O evangelho de Lucas nos dois idiomas, apresenta o primeiro exemplo com a utilização da personagem Simeão ao falar a Maria referindo-se a Jesus; no segundo, o narrador permite que o próprio Jesus se pronuncie; o terceiro, o narrador apresenta o discurso direto por meio de uma voz do céu referindo a Cristo como Filho amado; e o último, o narrador se utiliza do discurso direto através de Jesus.

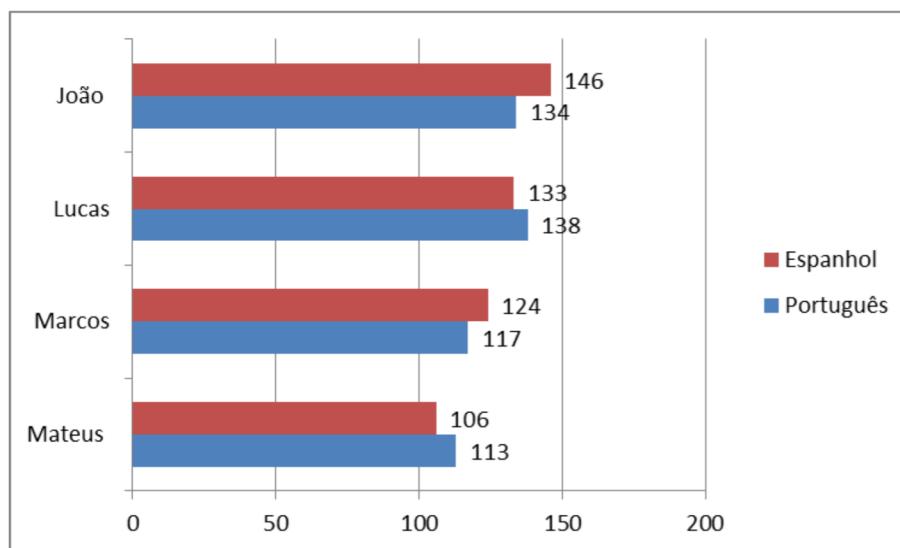
E, finalmente, o evangelho de João nos dois idiomas, no primeiro exemplo, João Batista referindo-se a Cristo como o Cordeiro de Deus; no segundo exemplo, os discípulos interagem com Jesus funcionalizando-o como Mestre na língua portuguesa e Rabí na língua espanhola; no terceiro exemplo, a mulher do cântaro o classifica como homem e o Cristo; e, finalmente, o último, João Batista o reconhece novamente como o Cordeiro de Deus.

No que se refere à Narrativa de apresentação de ações, de acordo com Leech e Short (1981), citando Assis (2009), a construção discursiva é percebida em sentenças que relatam acontecimentos que ocorrem na narrativa.

¹⁰ MOURA NEVES, M. H de. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

O Gráfico 2 – apresenta a distribuição das narrativas de apresentação das ações pelos narradores nos quatro evangelhos da bíblia NVI.

Gráfico 2 – Distribuição das narrativas de apresentação de ações pelos narradores nos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol



Fonte: dados da pesquisa

O primeiro evangelho proeminente é o evangelho de João com 146 ocorrências em espanhol e 134 em português. De acordo com Gabel e Wheeler (1993), a forma como Jesus é descrito em João o diferencia dos outros três evangelhos. Neste, de acordo com os autores, o Jesus descrito é alguém que detém sua individualidade com eventos divinos que o acompanham no dia-a-dia em suas ações, não se importando com o que se impõe sobre ele.

O segundo evangelho é o de Lucas com 138 ocorrências na língua portuguesa e 133 na língua espanhola. De acordo com Gabel e Wheeler (1993), o evangelho de Lucas é um evangelho mais complexo em sua construção, com estilo diferenciado escrito para um público mais seletivo.

O terceiro evangelho é o de Marcos com 124 em português e 117 em espanhol. Segundo Gabel e Wheeler (1993), o evangelho de Marcos “foi inventado como forma literária”, pois acredita-se que ele foi a fonte para que os outros fossem escritos.

E finalmente, o quarto, é o evangelho de Mateus, que apresenta 113 realizações na língua portuguesa com ocorrências e 106 na língua espanhola, 50. De acordo com Zabatiero e Leonel (2011), o narrador desse evangelho o organiza diferente dos outros três evangelhos. Os autores afirmam que a forma como é relatada a história de Jesus neste se distingue dos outros três evangelhos pelo fato do narrador permitir a interação do próprio “protagonista” com os leitores. Zabatiero e Leonel (2011) concluem, portanto que, Jesus não é apenas evidenciado como personagem protagonista, mas também como “conarrador” deste evangelho.

O Quadro 6 apresenta exemplos de narrativas de apresentação das ações de Jesus como personagem que é central nessa análise.

Quadro 6: Representação das narrativas de apresentação das ações nos quatro evangelhos em português e espanhol

Evangelho	Português	Espanhol
Mateus	Então Jesus veio da Galiléia ao Jordão para ser batizado por João. (Mt 3.14)	Un día Jesús fue de Galilea al Jordán para que Juan lo bautizara (Mt 3.14)
	Foi assim o nascimento de Jesus Cristo : Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo. (Mt 1.18)	18 El nacimiento de Jesús , el *Cristo , fue así: Su madre, María, estaba comprometida para casarse con José, pero antes de unirse a él, resultó que estaba encinta por obra del Espíritu Santo. (Mt 1.18)
	Tendo reunido todos os chefes dos sacerdotes do povo e os mestres da lei, perguntou-lhes onde deveria nascer o Cristo . (Mt 2.3-4)	Así que convocó de entre el pueblo a todos los jefes de los sacerdotes y *maestros de la ley, y les preguntó dónde había de nacer el *Cristo . (Mt 2.3-4)
	Entrando Jesus em Cafarnaum, dirigiu-se a ele um centurião, pedindo-lhe ajuda. (Mt 8.1)	Al entrar Jesús en Capernaúm, se le acercó un centurión pidiendo ayuda. (Mt 8,1)
Marcos	Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galiléia, proclamando as boas novas de Deus. (Mc 1.14)	Después de que encarcelaron a Juan, Jesús se fue a Galilea a anunciar las buenas *nuevas de Dios. (Mc 1.14)
	Ao anoitecer, depois do pôr-do-sol, o povo levou a Jesus todos os doentes e os endemoninhados. (Mc 1.32)	Al atardecer, cuando ya se ponía el sol, la gente le llevó a Jesús todos los enfermos y endemoniados, (Mc 1.32)
	Princípio do evangelho de Jesus Cristo , o Filho de Deus . (Mc 1.1)	Comienzo del *evangelio de *Jesucristo , el Hijo de Dios . (Mc 1.1)
	A sogra de Simão estava de cama, com febre, e falaram a respeito dela a Jesus . (Mc 1.30)	La suegra de Simón estaba en cama con fiebre, y en seguida se lo dijeron a Jesús . (Mc 1.30)

Lucas	O pai e a mãe do menino estavam admirados com o que fora dito a respeito dele. (Lc 2.34)	El padre y la madre del niño se quedaron maravillados por lo que se decía de él. (Lc 2.34)
	Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê , e ela deu à luz o seu primogênito . (Lc 2.6)	y, mientras estaban allí, se le cumplió el tiempo. Así que dio a luz a su hijo primogénito . (Lc 2.7)
	Certo dia Jesus estava orando em determinado lugar. Tendo terminado, um dos seus discípulos lhe disse: “Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou aos discípulos dele”. (Lc 11.1)	Un día estaba Jesús orando en cierto lugar. Cuando terminó, le dijo uno de sus discípulos: —Señor, enséñanos a orar, así como Juan enseñó a sus discípulos. (Lc 11.1)
	O pai e a mãe do menino estavam admirados com o que fora dito a respeito dele. (Lc 2.34)	El padre y la madre del niño se quedaron maravillados por lo que se decía de él. (Lc 2.34)
João	Ele próprio não era a luz , mas veio como testemunha da luz . (Jo 1.7-)	Juan no era la luz , sino que vino para dar testimonio de la luz . (Ju 1.8)
	André, irmão de Simão Pedro, era um dos dois que tinham ouvido o que João dissera e que haviam seguido Jesus . (Jo 1.40)	Andrés, hermano de Simón Pedro, era uno de los dos que, al oír a Juan, habían seguido a Jesús . (Ju 1.40)
	No terceiro dia houve um casamento em Caná da Galiléia. A mãe de Jesus estava ali; Jesus e seus discípulos também haviam sido convidados para o casamento. (Jo 2.1-2)	Al tercer día se celebró una boda en Caná de Galilea, y la madre de Jesús se encontraba allí. 2 También habían sido invitados a la boda Jesús y sus discípulos. (Ju 2.1-2)
	Depois disso Jesus foi com os seus discípulos para a terra da Judéia, onde passou algum tempo com eles e batizava. (Jo 3.23)	Después de esto Jesús fue con sus discípulos a la región de Judea. Allí pasó algún tiempo con ellos, y bautizaba. (Ju 3.22)

Fonte: dados da pesquisa

No Quadro 6, é possível perceber como os narradores constroem as narrativas nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Para uma melhor compreensão do que aqui foi discutido apresentarei quatro exemplos de cada um dos evangelhos, explicitando o comportamento dos narradores em suas descrições.

Começando por Mateus, podemos visualizar nos quatro exemplos descritos, a presença de um narrador conhecedor do que relata, ou seja, o narrador onisciente como afirmam Zabatiero e Leonel (2011). Para os autores, o narrador em Mateus faz uso de “duas categorias apresentadas por Alter, a descrição de ações ou aparências e o discurso direto do próprio personagem”. O primeiro exemplo, deixa o leitor consciente de como foi a vinda de Jesus

para ser batizado por João; o segundo, faz o relato de como foi o nascimento de Cristo; o terceiro, relata o comportamento de Herodes ao saber que Jesus havia nascido e finalmente, o quarto, o narrador faz o relato de um centurião que foi pedir ajuda a Jesus.

O evangelho de Marcos, como podemos visualizar, em seus quatro exemplos relatam a presença do narrador onisciente como também as técnicas relacionadas ao tempo cronológico do que ocorre na narrativa. De acordo com Leech e Short (2007), ao fazer uso das narrativas de apresentação de ações, o narrador atua de uma forma a descrever para o leitor acontecimentos que se passam na história narrada. O primeiro exemplo, o narrador relata o que aconteceu após a prisão de João; o segundo, ele delimita o tempo cronológico mostrando o que aconteceu após o por do sol; o terceiro, o narrador anuncia o evangelho, e o último, ele relata que a sogra de Pedro estava enferma e falaram dela a Jesus, o narrador só não revela os nomes das personagens que falaram a sobre Jesus à sogra de Pedro.

O evangelho de Lucas, como podemos perceber em seus quatro exemplos, o narrador continua no controle com sua onisciência e delimitação de tempo cronológico para o acontecimento dos fatos. De acordo com Leech e Short (2007), o narrador não se compromete inteiramente com todas as informações, no entanto, ele mostra ao leitor que conhece a história. O primeiro exemplo, discorre sobre o relacionamento de José e Maria e os trâmites para o casamento; o segundo, ele deixa o narrador informado do que aconteceu no período que Maria e José estiveram em Belém, o terceiro, ele informa ao leitor que aquele tempo foi o tempo que Jesus nasceu, e finalmente, o último, o narrador relata para o leitor como os pais de Jesus estavam admirados com o que falavam acerca dele.

E finalmente, o evangelho de João também mantém o comportamento do narrador atuando nos aspectos de delimitação de espaço e informações ao leitor acerca do que ocorre naquele momento. O primeiro exemplo do evangelho de João, o narrador relata a ocorrência de João Batista ao falar para as pessoas que ele não era a luz; no segundo exemplo, ele comunica ao leitor que André irmão de Simão Pedro era mais um que tinha ouvido falar de Jesus; no terceiro, o narrador relata sobre a festa de casamento em Caná da Galiléia, e finalmente, o último, o narrador descreve o que ocorreu com Jesus depois de um determinado evento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta Dissertação foram discutidas as formas como Jesus é representado nos quatro evangelhos da Bíblia NVI nos idiomas português e espanhol, como também, os tipos discursivos utilizados pelos narradores/ evangelistas na construção de cada evangelho. No primeiro capítulo apresentamos a introdução acompanhada da justificativa para esta investigação, inserindo o trabalho na interface linguístico-literário e dos Estudos da Tradução para análise de traduções da Bíblia. Ressalta-se que os aspectos linguísticos apontam para a complexidade existente em cada sistema linguístico para fazer as escolhas tradutórias e representar o Ator em análise, Jesus Cristo, enquanto a perspectiva literária revela a riqueza dos mecanismos utilizados para construção de estilo do texto por meio dos narradores/evangelistas.

No segundo capítulo apresentamos o aporte teórico, o qual utilizamos para apoiar esta pesquisa, inserindo-o em interfaces dos Estudos da Tradução com a Representação de Atores Sociais e em estilos de textos ficcionais de Leech e Short. Ao utilizar essa malha teórica foi interessante notar como as escolhas léxico-gramaticais constroem significados por meio do discurso. Foi relevante, também, notar os aspectos constitutivos das narrativas em cada evangelho.

No terceiro capítulo apresentamos o *corpus* de estudo, contextualizando-o na história dos evangelhos. Apresentamos também a metodologia de pesquisa indicando os passos para análise dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, que possibilitaram responder às perguntas que guiaram esta investigação.

Finalmente, tendo como guia as indagações que nortearam esta investigação, apresentamos os resultados às perguntas iniciais. A primeira delas foi como Jesus é representado nos quatro evangelhos da Bíblia NVI em português e em espanhol. A partir da investigação, é possível afirmar que Jesus é representado de formas distintas, ou seja, por meio da Nomeação, Funcionalização, Abstração, Classificação, Identificação Relacional Objetivação, Primitivização e Sobrenaturalização tanto em língua portuguesa quanto espanhola. Ao fazer essa análise, conforme van Leeuwen (1997), é possível perceber a importância dos papéis que Jesus desempenha nos quatro evangelhos através das formas

escolhidas pelos tradutores para representá-lo. Como tradutora, é possível concluir que todas as escolhas apresentam um propósito, que são direcionados de acordo com os interesses propostos.

A segunda pergunta relaciona-se com o modo que as escolhas da construção de Jesus são feitas, se pelos narradores ou pelas personagens controladas por eles. Os resultados apresentados nos mostram que prevalece nos quatro evangelhos a atuação dos narradores através do Discurso Direto nos dois idiomas, especialmente no evangelho de João, ou seja, os narradores se distanciam na maior parte da narrativa e permitem que personagens controladas por eles atuem no texto. A investigação comprovou ainda que a língua portuguesa se utiliza de forma mais proeminente de mecanismos que constroem esse tipo discursivo. Ao fazer uso dessa forma discursiva, os narradores utilizam verbos elocutivos: dizer, responder, clamar, etc, seguido dos dois pontos e discurso da personagem entre aspas (em língua portuguesa) e precedido de travessão (em língua espanhola).

Este trabalho apresenta limitações, portanto, deixaremos como sugestão para pesquisas futuras, a investigação nas demais línguas: grega, francesa, alemã etc.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, L. AntConc 3.5.8w. Tokyo, Japão: Waseda University, 2011 - disponível em: <http://goo.gl/3GVS> - último acesso em: 05 out 2020.
- ASSIS, R. C. d. (2009). **A representação de europeus e de africanos como atores sociais em *Hearts of Darkness* (O Coração das Trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução.** Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado.
- BATALHA, Maria; GERALDO, Jr. **Tradução.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BAKER, M. **In other words:** a course on translation. London e New York: Routledge, 1992
- BÍBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia de estudo de Genebra.** São Paulo e Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BÍBLIA SAGRADA. Português. **Nova versão internacional português.** São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000 - disponível em: http://www.monergismo.com/textos/livros/biblia_pdf_nvi.html>. Acesso em: 10 mar 2018.
- BLUM-KULKA, Soshana. Shifts of cohesion and coherence in translation. In: HOUSE, J.; BLUM-KULKA, S. (eds). **Interlingual and Intercultural Communication:** discourse and cognition in translation and second language acquisition studies. Tübingen: Gunter Narr, 1986.
- COSTA, B. F.S; FREITAS, C. **Los verbos declarativos em português: um estudo descritivo baseado en grandes corpus y motivado por la lingüística computacional** - disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/index>> Acesso em: 17 jan 2021.
- DOUGLAS, J.D. et al DOUGLAS, J.D. **O novo dicionário da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 1995.
- GABEL, J; WHEELER C. **A Bíblia como literatura.** São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- LEECH, G.; SHORT, M. **Style in fiction.** London & New York: Longman, 2007. p. 255-281.
- MAGALHÃES M. C (2013). **Representação social em corpus de tradução e mídia.** Minas Gerais: Editora UFMG
- MAZZOLA, RB. A formação dos cânones literários e visuais. In: **O cânone visual:** as belas- artes em discurso [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, pp. 29-68. ISBN 978-85- 7983-671-8. Available from: doi: 10.7476/9788579836718. Also available in e PUB from: <http://books.scielo.org/staff/book/id/bywgd/attachs/9788579836718.epub> Acesso em: 18 jan 2021.
- O.F.F.d. **A representação de Jesus Cristo no evangelho de João.** João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba. (Monografia). 2014.
- OUSTINOFF, Michael. **História, teorias e métodos.** São Paulo: Parábolas Editorial, 2011.
- RADMACHER, E.D et al RADMACHER, E.D. **O novo comentário bíblico Novo Testamento.** Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

RIVAS, L.H. (2017). Jesús según algunos autores judíos. Revista Cuestiones teológicas. In: **Medellin** – Colômbia, vol. 44, nº 102, p. 243-282.

STERN, H.D. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Editora Atos, 2008.

THE HOLY BIBLE: **New International Version**. New York: New York Internacional, 1999 - disponível: <http://www.monergismo.com/textos/livros/biblia_pdf_nvi.html>. Acesso em: mar 2018.

VAN LEUWEN, Theo. A representação de atores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.). **Análise crítica do discurso**. Lisboa: Editorial Caminho S. A., 1997. p. 169-222

VIEIRA, Else. Some remarks on comparative stylistics applied to translation from English into Portuguese. **Estudos Germânicos**: Revista do Dep. de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, ano III, p.147-161, 1982.

ZABATIERO, Júlio; LEONEL, João. **Bíblia, Literatura e Linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011